



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
ESCOLA DE BELAS ARTES
Programa de Pós-Graduação em Artes

Aline Aparecida Lages Thomaz

A HORTA COMO ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO EM ARTE

Belo Horizonte
2024

Aline Aparecida Lages Thomaz

A HORTA COMO ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO EM ARTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rosvita Kolb-Bernardes

Área de concentração: Ensino-aprendizagem em Arte

**Belo Horizonte
2024**

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

701.08
L174h
2024

Lages, Aline, 1981-
A horta como ateliê autobiográfico em arte [recurso eletrônico] /
Aline Aparecida Lages Thomaz. – 2024.
1 recurso online.

Orientadora: Rosvita Kolb Bernardes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Inclui bibliografia.

1. Criação (Literária, artística, etc.) – Teses. 2. Mulheres artistas – Teses.
3. Arte – Estudo e ensino – Teses. 4. Natureza (Estética) – Teses.
I. Bernardes, Rosvita Kolb. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação da aluna **ALINE APARECIDA LAGES THOMAZ** -
Número de Registro **2022686637**.

Título: **“A Horta Como Ateliê Autobiográfico em Arte”**

Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes – Orientadora – EBA/UFMG

Profa. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira – Titular – EBA/UFMG

Profa. Dra. Luciana Esmeralda Ostetto – Titular – UFF

Belo Horizonte, 16 de agosto de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Rosvita Kolb Bernardes, Professora do Magistério Superior**, em 22/08/2024, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Esmeralda Ostetto, Usuária Externa**, em 22/08/2024, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carvalho Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 23/08/2024, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rita Lages Rodrigues, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 26/08/2024, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3479171** e o código CRC **B2039508**.

*À minha mãe por me ensinar que a semente para germinar, crescer e florir é necessário
escutar em nosso solo o desejo pulsante de vida.*

AGRADECIMENTOS

Às raízes que suficientemente me forneceram nutrientes.

Aos caules transportadores do sustento.

Às folhas realizadoras das trocas.

Ao Ar da Horta.

À Raiz do Coração.

Ao sangue que corre em minhas veias latinas.

À toda atmosfera...

Aprendi a esperar o espanto da passagem da semente ao germe, o suspense sempre renovado do acontecimento na ponta do caule, os botões apertados que vão dar origem a tantos ramos e flores! Olhei atentamente para o pequeno que vai se tornar grande...como eu!

Marie-Christine Josso

RESUMO

Nesta dissertação de Mestrado em Artes investigo a minha criação e produção artística a partir da *A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte* e o seu desdobramento em um contexto de ensino/aprendizagem em arte. Construo este texto trazendo a temática do corpo feminino na contemporaneidade e como a memória ancora seus discursos biográficos e escrita de si em contextos de formação e produção estético-artística. Caminho por esse texto utilizando o método de pesquisa (auto)biográfica de Delory-Momberger que se cruzam com a minha experiência enquanto *mulherartista professora*. Proponho uma obra plástico-poética biográfica, a partir da horta do quintal em uma elaboração ecocriativa. É nesta conexão entre o feminino e a terra que construo a minha poética, memória, linhagem natureza, que desdobra-se em uma investigação/intervenção artística de ensino/aprendizagem em arte com um pequeno grupo de crianças meninas de uma escola pública da cidade de Dom Joaquim onde eu trabalho e moro. A metodologia é desenvolvida através de uma série de procedimentos experimentais realizados com sementes, plantios, colheitas e preparação dos alimentos. Envolvendo as áreas do conhecimento com a dimensão da territorialidade, da corporeidade, da nutrição, da alimentação, da arte ecológica, dos ciclos da vida, da ancestralidade, da cultura local, da natureza e da memória. Trago como referências Freire, Delory-Momberger, Josso, Jorge Menna, Louise Ganz, Salissa Rosa, dentre outros.

Palavras-chave: Arte; Autobiográfico; Ateliê; Ensino-Aprendizagem; Horta.

ABSTRACT

In this Master of Arts dissertation, I investigate my artistic creation and production based on *A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte* and its unfolding in an art teaching/learning context. I build this text around the theme of the female body in contemporary times and how memory anchors biographical discourses and self-writing in training and aesthetic-artistic production contexts. I go through this text using Delory-Momberger's (auto)biographical research method, which intersects with my experience as a woman artist-teacher. I propose a biographical plastic-poetic work, based on the backyard vegetable garden in an ecocreative elaboration. It is in this connection between the feminine and the earth that I build my poetics, memory, and nature lineage, which unfolds in an artistic investigation/intervention of teaching/learning in art with a small group of girls from a public school in the city of Dom Joaquim where I work and live. The methodology is developed through a series of experimental procedures carried out with seeds, planting, harvesting and food preparation. Involving the areas of knowledge with the dimension of territoriality, corporeality, nutrition, food, ecological art, life cycles, ancestry, local culture, nature and memory. My references include Freire, Delory-Momberger, Josso, Jorge Menna, Louise Ganz, Salissa Rosa, among others.

Keywords: Art; Autobiographical; Studio; Teaching and Learning; Vegetable Garden.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Menina-passarim que sou	13
Imagem 2 - Construção da Horta	15
Imagem 3 - Construção da Horta	16
Imagem 4 - Parir, série AR	22
Imagem 5 - Ar, série AR	23
Imagem 6 - Pedra, série AR	24
Imagem 7 - Aparecida, série AR	25
Imagem 8 - Aparecida, série AR	26
Imagem 9 - Autorretrato: Cabocla Jurema	27
Imagem 10 - Caderno da Artista, Desenho Massagem Ayurvédica	28
Imagem 11 - Caderno de Artista, vidaMorte	30
Imagem 12 - Raiz, Flor e Semente	32
Imagem 13 - Portal Terezinha	32
Imagem 14 - Tudo sobre minha mãe	34
Imagem 15 - Pai e Mãe	35
Imagem 16 - Cultivo da horta	36
Imagem 17 - Capa do Caderno de artista	37
Imagem 18 - Caderno de artista	38
Imagem 19 - Carta escrita por minha mãe para minha avó	39
Imagem 20 - Caderno de artista, Mãe	40
Imagem 21 - Caderno de artista, Colheita	41
Imagem 22 - Caderno de artista, Mortuária de Vovó Terezinha	42
Imagem 23 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração	44
Imagem 24 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração	45
Imagem 25 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração	46
Imagem 26 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração	47
Imagem 27 - Buquê, série AHorta, a Raiz do coração	48
Imagem 28 - Buquê Mãe e Irmã, série AHorta, a Raiz do Coração	49
Imagem 29 - Autorretrato, série AHorta, a Raiz do Coração	50
Imagem 30 - Autorretrato, série AHorta, a Raiz do Coração	52
Imagem 31 - Autorretrato, série AHorta, a Raiz do Coração	53

Imagem 32 - Coleções da Horta, Autorretrato	55
Imagem 33 - Coleções da Horta, Pai e Mãe	56
Imagem 34 - Coleções da Horta, Vovó Terezinha	57
Imagem 35 - Coleções da Horta, Marlon e Eu	58
Imagem 36 - Coleções da Horta	59
Imagem 37 - Coleção Serezinhos da Horta	60
Imagem 38 - Caderno de artista, Ode à Vida	62
Imagem 39 - Feijões, última colheita do meu Pai	65
Imagem 40 - Partida, pastel oleoso sobre papel	66
Imagem 41 - Preto Velho, quadro do meu avô materno	67
Imagem 42 - Retrato do meu Avô Tião Papulinha	68
Imagem 43 - Capa do baralho Carta Autobiográfica da Horta	72
Imagem 44 - Carta Flor de Laranjeira	73
Imagem 45 - Frente da carta Ora-pro-nóbis	74
Imagem 46 - Frente da carta Ora-pro-nóbis	75
Imagem 47 - Carta Manjeriçã	76
Imagem 48 - Carta Camomila	77
Imagem 49 - Carta Camomila	78
Imagem 50 - Carta Flor de Laranjeira	79
Imagem 51 - Carta Melissa	80
Imagem 52: Carta Melissa	81
Imagem 53 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	85
Imagem 54 - Linke e Ganz, Cozinhas Temporárias: pelos quintais do Jardim Canadá	87
Imagem 55 - Linke e Ganz, Cozinhas Temporárias: pelos quintais do Jardim Canadá	87
Imagem 56 - Jorgge Menna Barreto	88
Imagem 57 - Jorgge Menna Barreto, Sopa da Biodiversidade	89
Imagem 58 - Sallisa Rosa, Umuarama	91
Imagem 59 - Sallisa Rosa, Umuarama	91
Imagem 60 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	94
Imagem 61 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	95
Imagem 62 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	96
Imagem 63 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	99

Imagem 64 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	99
Imagem 65 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	100
Imagem 66 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	102
Imagem 67 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	103
Imagem 68 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	105
Imagem 69 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	109
Imagem 70 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	110
Imagem 71 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	115
Imagem 72 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	116
Imagem 73 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças	117
Imagem 74 - Vovó Terezinha na Horta	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: MENINA PASSARIM QUE SOU	14
2 O AR DA AHORTA, A RAIZ DO CORAÇÃO	19
2.1 Cartas Autobiográfica da Horta	66
3 PROJETO DE ENSINO DE ARTE: A HORTA COMO ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO	83
3.1 Inventário Poético da Horta	106
4 ATÉ AQUI CHEGUEI	118
REFERÊNCIAS	121

Menina Passarim Que Sou.

*Inventei uma menina sonhadora para eu ser
Ela tinha um desejo elevado para voar
De suas ideias vazava uma nobreza de pássaro
E ela fica a imaginar...
e se eu atravessasse um rio de borboletas amarelas?
e se eu fosse uma índia quase no sol?
e se eu subisse em uma árvore de passarinhos e pegasse nas mãos do vento?
e se eu construísse um helicóptero de libélulas?
A menina arquitetava os despropósitos de “Barros” na poesia de ser criança
Trabalhava sem tréguas nesse desejo de voar, daí ela teve outra visão: a de
construir um balão
E continuou a se perguntar qual seria o tamanho, a cor, a textura, quem iria
com ela voar?
Mas não imaginava que esses delírios irracionais da imaginação fizessem mais
bela a nossa passagem
E ela continuou: e se eu construísse um balão gigante como o Polifemo das
aventuras de Ulisses onde a inteligência venceu a brutalidade? E se ele tivesse
as cores vermelho, amarelo e azul de Miró? Ou se como ele eu tivesse os pés
firmemente plantados no chão para poder me lançar ao espaço?
Será que o meu balão voaria mais intenso se possuísse as pinceladas de Van
Gogh? Seria mais leve se experimentasse as coreografias de Pina Bausch?
Certo dia, ela ouviu que um tal de Ícaro voou, mas que do céu se esborrachou.
E ela ficou com muito medo. E o medo dela foi tão grande que ela já não
queria mais voar. Então ela se escondeu debaixo da cama e começou a chorar.
Passou a andar de cabeça baixa sem para o céu olhar. E os seus dias se
tornaram cinzas. Como poderia ela, uma menina sem desejo e fé voar?
Foi quando umas boas moças lhe mostraram que voar fora das asas era
possível e foi assim...
Com amor a gente mora no outro.*

Imagem 1 - Aline Lages - Menina-passarim que sou, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

1 INTRODUÇÃO: MENINA PASSARIM QUE SOU

Sou Aline Aparecida Lages Thomaz, mulher, artista, professora, pesquisadora e nasci e trabalho na cidade de Dom Joaquim|MG. Sou filha da Dona Elisa e do seu Dedé Papula e neta da avó Terezinha e do avô Tião Papulinha. São estas pessoas que me constituem como pessoa e hoje me dão licença para voltar novamente para casa.

Em março de 2020, quando recém-chegada de uma longa viagem, carregada de bolsas e histórias, desembarquei em Belo Horizonte/MG, metrópole na qual vivi durante muitos anos e voltara naquele momento, inicialmente inoportuno, pois, o risco de contaminação pelo vírus da COVID-19, era grande. Devido ao menor risco, foi então que, no dia 25 de março do mesmo ano, decidi retornar para a Chácara Córrego de Engenho, em Dom Joaquim, minha Terra Natal.

Voltar para Dom Joaquim constitui-se como um movimento de retorno à minha história, ao lugar onde vivi a maior parte da minha vida até os 18 anos. Na volta para casa, revivenciei com toda força a minha relação com meus avós, minha mãe, a terra, as plantas, a água do rio e a natureza. Estar de volta à zona rural, que tem rio para banhar, terreiro para brincar, terra para plantar, aves como o jacu, a saracura que se alimentam das sementes e das mudas, revigorou a minha memória e as histórias da minha infância ressurgiram.

Olhar para o quintal significa é avistar a horta que, de uma maneira ou de outra, sempre esteve lá. A horta que me permitiu vivenciar experiências com a minha avó, com a minha mãe, com o meu pai e com meu o avô. Cada um, com o seu esforço e suas habilidades, tomava conta do todo que envolvia várias outras pessoas. Meu pai plantava, minha avó cuidava da horta, minha mãe cozinhava para aquele mundaréu de gente e meu avô, utilizando-se das ervas medicinais, cuidava da saúde das pessoas e de nós. Todos eles contribuíram para o meu imaginário de como cuidar da terra.

Impregnada por estas memórias afetivas e familiares mais a experiência vivida nos últimos tempos com a natureza, com a água e com a terra na Bahia, trouxe-me de volta o desejo de criar novamente a horta no contexto de pesquisa para a minha dissertação de mestrado na Escola de Belas Artes da UFMG. A busca pela horta como possibilidade de me conectar com a minha ancestralidade, com a minha história. E assim foi...

Construir uma horta parece algo simples. Pensei. Mas depois de algumas tentativas frustrantes de nada crescer, busquei ajuda e informação na sabedoria popular com a família que lá vivia. Criar, inventar uma horta significa também saber instalar o sombrite, um tipo de tela protetora para que os animais não se alimentem das hortaliças; como construir uma estrutura de bambu para assentar o sombrite; limpar o espaço, retirar os matos, roçar, capinar, arar e revirar a terra. Como o solo demonstrava-se ácido, utilizamos calcário para a sua estabilização, depois, mais algumas dezenas de carrinhos de esterco. Após duas semanas de cuidados com muitas mãos, o solo estava pronto para o plantio. Nascia ali, o processo colaborativo de criação entre a arte, a natureza e os saberes populares guiados pela minha mãe e as ervas medicinais do meu avô devoto do Preto Velho.

Imagem 2 - Construção da Horta, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 3 - Construção da Horta, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Se, até então eu não tinha clareza por onde começar a minha pesquisa acadêmica em arte, a criação da horta foi me apontando caminhos para um processo de criação. Um processo de criação que acontece nos atos de caminhar, molhar, revirar no cuidado com as plantas, na escolha, cultivo e colheita dos alimentos. Faço caminhos ao caminhar, inspirada em artistas que questionam o modo de vida perante a utilização do espaço. Busco perder-me no ato de caminhar e ele me leva ao estado da pesquisa, e assim, fui me guiando para o estado da arte, estado de ateliê. Nesse sentido, a artista Stela Barbieri (2021), afirma que o estado de ateliê é participar de um diálogo com as presenças das materialidades, no qual, tanto as pessoas quanto os materiais e espaços são sujeitos da experiência. O estado da arte é um modo de nos convocar a lidar com as nossas ideias e nossos afetos.

Incorporei a caminhada durante um bom tempo no início da manhã, que seguia pela horta e depois para o Rio do Peixe. Com o meu caderno de artista que me guia e alumia o meu fazer, sigo o meu caminho trazendo e registrando como material de pesquisa, apontando as faíscas dos caminhos trilhados.

Voltar para casa, fez-me buscar por indícios esquecidos da memória da minha infância, das brincadeiras no terreiro, de terra molhada em dia de chuva, da terra vermelha, preta e da poeira em dia de secura. De calor e sol intenso.

Hoje, ao estar mergulhada no meu processo plástico-poético biográfico, a partir da horta do quintal, inicio um processo trazendo a horta, como um território de criação e de resistência. Onde o ato, a ação do cultivo foi me conectando não só com a minha história, mas com outros artistas que estabelecem relações com a horta, com os vegetais alimentícios. Inspiro-me, por exemplo, em: Jorge Menna Barreto, Louise Ganz, Salissa Rosa.

Desse processo inicial nascem as seguintes perguntas: que relação pode surgir do meu encontro com a horta e seus alimentos? E do encontro dos artistas visuais com os alimentos? Quais são as marcas, registros e rastros que a horta pode gerar no meu processo como artista, professora, pesquisadora? Quais as possibilidades que a horta pode me oferecer para o meu processo de criação? Existe uma estética da horta? A estética da horta pode se tornar obras de arte e afetar outros sentidos?

Em meio a estas inquietações surge *A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte* que se desdobra ao longo do processo da pesquisa em um processo de criação e ensino-

aprendizagem. Como ressonância de todo este processo convido algumas crianças meninas, que foram minhas alunas na escola estadual onde lecionei durante o ano de 2023, para a imersão em arte tendo a horta como ateliê.

2 O AR DA AHORTA, A RAIZ DO CORAÇÃO

O *Ar da Ahorta, a Raiz do Coração* se assemelha a um rizoma com suas ramificações que comunicam entre si, possuindo um fio condutor que as une, a horta como ateliê de arte. A memória é o solo que sustenta o processo criativo, gestado em diferentes etapas de minha vida, nas formas do desenho, do bordado, da colagem, da pintura, da videoarte, do ensaio fotográfico, da caminhada e da escrita. São produções artísticas em múltiplas materialidades que compõem a minha pesquisa em arte e a minha identidade híbrida de ser artista-pesquisadora-professora na contemporaneidade.

Escutei com as pontas dos dedos o que o meu nariz de criança me trazia à memória da adulta que também sou. Escutei sobre o cheiro de mato verde daquela vassoura que dançava suas mais belas valsas nas mãos de minha mãe. Eram noites de Lua Cheia... E minha mãe aproveitava da luz da lua para se estender um pouco mais na sua labuta; e eu, enquanto fazia-lhe companhia, brincava com a lua de esconde-esconde, ou de imaginar do que ela guardava em sua barriga e nem sabia e pique e pega. Na minha casa, o trabalho era conectado com a beleza e eu cresci vendo sentido nele para a vida e é nesse lugar que procuro narrar minhas primeiras experiências estéticas e também o ser-estar artista-pesquisadora-professora.

Quando o meu corpo vira pincel eu me imagino um raio de fogo que canta para os vagalumes... “Vagalume Tumtum, seu pai tá aqui, sua mãe tá aqui, vem cá vagalume Tumtum” (BATONE, 2007). E as labaredas do fogão de lenha dizem de um dia de trabalho na roça, dizem do aroma da sopa de inhame, dizem do colo do meu avô Raimundo que, carinhosamente me chamava de Tuquinho. Diz do regresso do meu pai com a fieira de peixes. E o calor do fogo: agasalho; sua fumaça e sua brasa: brincadeiras. Cada movimento era criação para a minha imaginação de criança. A vida em seus detalhes tinha cheiro de bica d’água e canção de manacá.

Você já subiu na galha do pé de Ingá na beira do rio e deu um salto? Você já ouviu o cantar do carro-de-boi enquanto se enche de milho? Você já sentiu o cheiro de bolo de fubá?

Quando a palavra faz laço eu vou no seu lastro. Sonhei que meus pés eram asas, que eu poderia ser aquela massa no ponto que apalpa e afofa, os meus joelhos lembraram da cor cinzenta dos cabelos do meu avô; minhas orelhas lembraram da minha irmã que tinha um palmo a mais que eu e uma coragem de gigante. Era na mão dela que eu segurava para atravessar o rio, era no olhar dela que eu era atravessada pelo caramelo do sim.

Ontem, eu quis girar bem rápido em torno de mim até sentir náusea e ainda com um certo mal-estar, tatear os riscos de me permitir o brincar com as memórias. Quem conta um conto aumenta um ponto?

Ontem eu dormi com os pés mergulhados em poesia e nas perguntas de Neruda construí um sonho:

Onde está o menino que eu fui? Está dentro de mim ou se foi?
 Por que andamos tanto tempo crescendo para nos separarmos?
 Por que não morremos os dois quando minha infância morreu?
 E se minha alma se foi por que me segue o esqueleto? (NERUDA, 2008).

Conto o ponto da história de ensino-aprendizagem na queijeira do vovô Raimundo. Éramos pequenas e muito curiosas para literalmente colocar a mão na massa, ficávamos ali na porta espiando cada movimento do meu avô. Ele, com seu olhar e sua sensibilidade nos possibilitou experienciá-lo como mestre e, no afeto, fazíamos nossos queijinhos. Primeiro os fazíamos com os olhos, depois já desenhávamos o sabor que era o chiado da fatia derretendo na chapa do fogão à lenha e naquela forminha miniatura que cabia na palma das nossas mãos. Eu e minha irmã, delirávamos com o aprendizado. Sentíamos-nos: “Fui eu quem fiz”; e quem nos ensinou? O sensível. Acredito no amor como princípio e é dele que desemboca o aprendiz e o mestre; acredito em mãos que constroem e se emocionam; acredito como bem disse Malaguzzi, que:

[...] a criança é feita de cem, sempre cem modos de escutar as

maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar (MALAGUZZI, 1999, p. 21).

Assim sigo num aprendizado que se assemelha a um rizoma e suas várias conexões. Da arte eu quero o AR, do Ar eu quero o fôlego de me narrar, uma narrativa de si encharcada de sentidos. O meu corpo é meu espaço mais íntimo e nele guardo quem sou. Quem é você? Quem sou eu? (Anotações do Caderno de Artista, 2021)

Imagem 4 - Parir, série AR, 2020, técnica mista, 89x56cm.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 5 - Ar, série AR, 2020, técnica mista, 89x56cm.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 6 - Pedra, série AR, 2020, técnica mista, 54x70cm.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 7 - Aparecida, série AR, 2020, técnica mista, 89x56cm.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 8 - Aparecida, série AR, 2020, técnica mista, 89x56cm.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Em 2018, morava no Vale do Capão, o coração da Chapada Diamantina|BA e durante o período em que estive por lá, vivi várias experiências holísticas de culturas diferentes. Como os rituais indígenas que por meio de cantos, danças, infusões, cachimbos, dizeres sagrados e o uso de uma bebida, feita a partir da casca de uma árvore bastante característica da região Norte e Nordeste do Brasil, chamada Jurema. Ela nos concede força, sabedoria e contato com seres do mundo espiritual. Jurema também é uma entidade cabocla da cultura indígena brasileira que carrega uma rica bagagem de histórias e simbolismos, representando a força, a sabedoria e a conexão com a natureza. A canção “Ponto das Caboclas” de Camila Costa é uma celebração a essa entidade que também me representa.

Salve as Caboclas da Mata
Salve Iracema, salve Jurema
Salve as Caboclas da Mata
Iara, Jussara, Jupira e Jandira

Okê, Okê, Okê, Cabocla!
Okê, Okê, Okê, Cabocla! (COSTA, 2024)

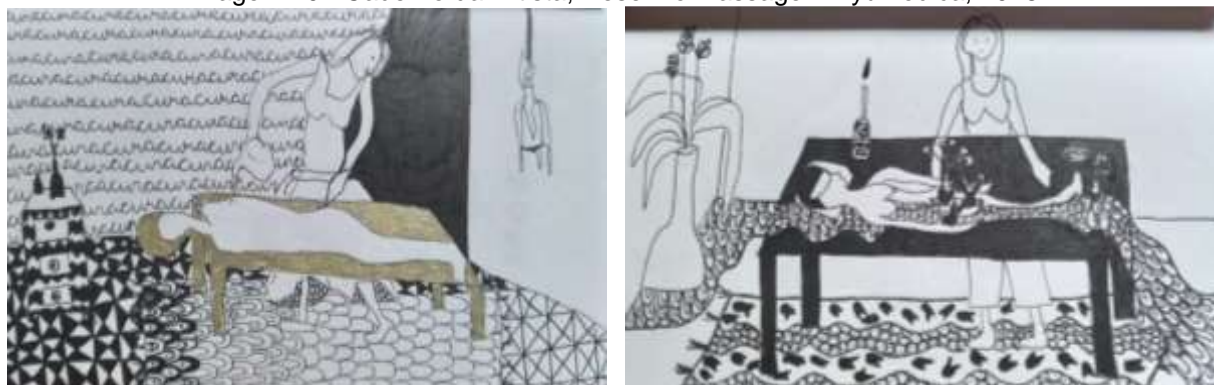
Imagem 9 - Autorretrato: Cabocla Jurema, 2024, técnica mista, 60x42cm.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Estudei um pouco sobre a Ayurveda, filosofia médica oriental, desenvolvida na Índia, há milhares de anos. Em um desses estudos, após uma imersão de quinze dias, em Marmoterapia, na qual primeiro recebia a massagem de Abhyanga, depois, toques e uma pressão em pontos específicos do meu corpo. Ao receber esses toques foram liberadas memórias afetivas distantes recalçadas no meu inconsciente.

Imagem 10 - Caderno da Artista, Desenho Massagem Ayurvédica, 2018.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Depois de um dia intenso na imersão ayurvédica, abri o meu caderno e desenhei o corpo de uma mulher com os pulmões interligados pela palavra ar. Olhando aquela imagem, chorei bastante e não conseguia compreender muito bem o que estava acontecendo comigo. Olhei novamente o desenho, da palavra ar escrevi o meu nome Aparecida e as palavras que contêm ou formam ar, como: cair, parir, pedra, criar, apreciar. Dessas palavras, surgiu a poesia: *Pari a Pedra*, que mais tarde se desdobrou na construção dos estandartes.

*Ai... Pari a pedra!
 Pariei
 Da rapa cresci
 Criei, apreciei, ceei
 Residi, decidi apareSER
 Pra SER
 Pra DAR pra Si
 Pirei
 Ar... Ar... Ar...
 Aparecida*

Utilizei a máquina de costura para confeccionar os estandartes, em homenagem à minha avó Terezinha. Ela tomava conta de todos os serviços relacionadas ao cuidado da casa, ainda costurava as roupas dos filhos, marido e a primeira roupa dos netos. Quando minha mãe estava grávida de mim, a minha avó já estava com câncer. Mesmo fragilizada, ela fez

a minha primeira roupa, era a última roupa dos netos, pois, após nove meses do meu nascimento, ela faleceu. Minha mãe me abrigava em seu útero e vivia aquele delicado momento: o adoecimento da minha avó. E eu, recém-nascida, com cinco dias de vida, fui internada com pneumonia nos dois pulmões.

De acordo com a Ayurveda os pulmões são considerados como a residência da alma corpórea. Sendo assim, está relacionado à capacidade de movimento, de funcionalidade e de sensibilidade de cada pessoa. Com isso, entende-se também que o significado energético do pulmão está ligado à capacidade de sentir dor. Devo essa pneumonia à dor de minha mãe pela doença terminal de minha avó quando ela ainda me acolhia em seu útero e me alimentava desde dentro com o sentimento de tristeza. Na imersão ayurvédica liberei a memória da dor da perda de minha avó e reelaborei o luto por meio da arte e da simbologia da historicidade do meu nome Aparecida.

Imagem 11 - Caderno de Artista, vidaMorte, 2021.



quando eu ainda era semente na barriga de minha mãe, ela já florescia no cultivo da horta em que minha avó era a raiz. éramos nós três: semente, flor e raiz. ali, em corpo de planta fazíamos comunicações pelos nossos aromas. as mãos avermelhadas da terra; o nariz embriagado com o cheiro de estrume de vaca; pitadas de alecrim, manjericão e salsa. os ouvidos regidos pelo coral da água e o canto dos pássaros enquanto nossos corpos dançavam na linha que nos unia, o cordão umbilical. respirávamos o ar da arte de viver as relações do dia a dia nas quais o trabalho era a raiz do coração. experienciávamos o ensino-aprendizagem na estética do amor. no tempo de eu semente, germinando, aprendi a minha primeira e mais dolorosa lição dos ciclos de vida e morte. minha mãe, flor em luto, chorava pela morte da minha avó raiz. a fragrância rosa e triste coloria meus pulmões em pneumonia. eu, com apenas cinco dias de vida estava doente, e a minha mãe intuitivamente me salvou pela fé na palavra aparecida. da palavra aparecida inspirei o ar que eu precisava para minha cura e para criar a minha arte.

vidaMORTE

Qual a importância do nome para a narrativa autobiográfica? O nome e a história que cada um traz em si são como fios delicados entrelaçados de uma peça lúdica, no qual a sua importância é uma questão e uma relação autobiográfica. A questão do nomear, do nomear-se, do nome que você recebeu e ressignificou no percurso. Como se faz esse mergulho de significação no que não está posto? Ostetto (2024) conta que fazer uma jornada autobiográfica também tem uma entrada no nome.

Meu nome do meio é Esmeralda, é o nome da minha avó. Eu detestava. Eu só era Luciana Ostetto, porque eu detestava o Esmeralda na minha infância e juventude. Quando eu fiquei adulta que eu compreendi essa coisa da ancestralidade e das histórias... hoje, eu não posso ser outra coisa, se não, Luciana Esmeralda. Então, assim como o que o nome constitui, além de tudo, Esmeralda tem a pedra, tem o verde, tem a avó (OSTETTO, 2024).

Quando eu era criança tinha uma varinha de assa-peixe, essa planta que faz alusão ao mar e ao céu, pois suas folhas com formato e nervuras lembram as espinhas de peixe e, ao mesmo tempo, apresenta flores com forma de estrela. Com essa varinha eu brincava de aparecer e desaparecer as coisas. Nascia-vivia-morria-vivia, assim em círculo, porque as coisas existem dentro de mim. O rancho de sapê, o canto dos pássaros, a rede que balança lá fora, o ar que toca meu cabelo, o cheiro de menta, o cheiro de café, a gota de chuva caindo em minha pele, o meu pé amassando a lama, tudo isso mora em mim. Com minha varinha de assa-peixe, crio e descrio, morro e nasço, reinvento um significado para o meu nome Aparecida. Nesse novo lugar apareci sem ar, sem par, a par que era, uma era na minha vida, não tem mais ida, eu só apareci. Aparecida. Parecida com o que? Com ar de amar, de voar e de criar.

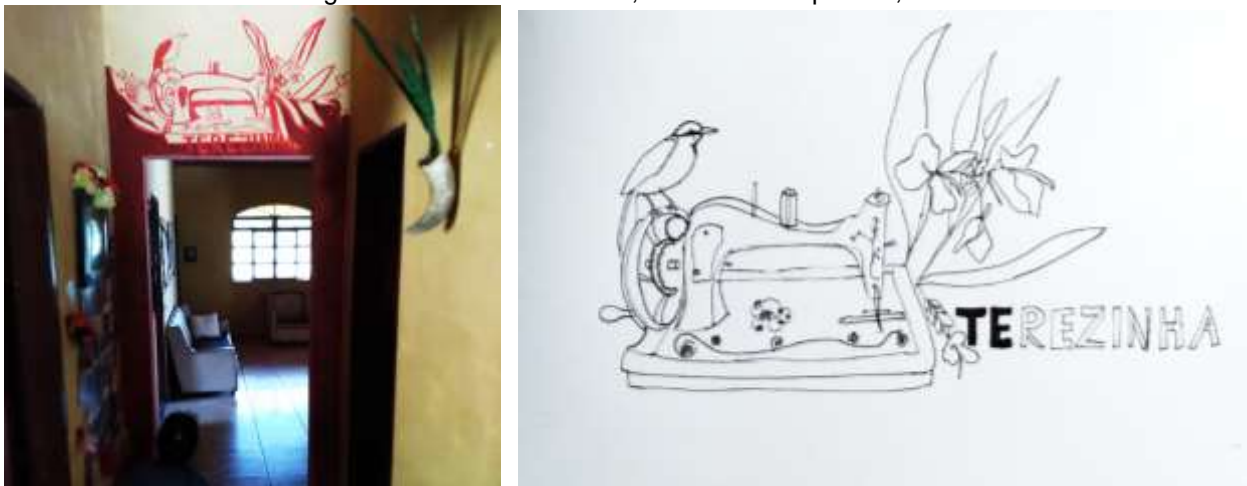
Imagem 12 - Raiz, Flor e Semente, fotografias.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Continuando a caminhada, em 2020, tempos pandêmicos, regressei para a casa em que nasci, a casa dos meus avós. Retornei para a potência de mergulhar naquele rio e nas águas dele pude me limpar, esvaziar-me para um nado mais livre. Senti o desejo de transformar o vão da casa, o lugar de passagem em espaço de afeto, de comunicação do Eu Semente com a Avó Raiz. Descalça até a mata, busquei o barro, matéria-prima para a pintura, que desembocou no Portal Terezinha. O portal que traz o desenho da máquina de costura da minha avó.

Imagem 13 - Portal Terezinha, acrílica sobre parede, 2021.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Durante a elaboração do Portal, também observava a minha mãe e sua relação com a terra. Ao tocar a terra, ela começava a contar da sua infância ao lado de minha avó. Com as suas

unhas cavava e semeava, fazia as podas dos galhos secos, recolhia os frutos e as folhas verdes que seriam preparadas no refogado ou como chá. Percebi que nesse ritual ela reelaborava o seu luto ressignificando a sua dor. Ali, entre as palavras e os silêncios: a pausa era um vazio que gritava. A presença simbólica de minha avó naquele punhado de terra tinha o peso da dor e também o antídoto para o seu alívio.

No quintal da minha infância tinha uma horta onde eu brincando ajudava a plantar. Entre uma atividade e outra, a pausa e o banho nos poços d'água. O aprendizado acontecia no olhar. Quase sem palavras, ia vendo a vida na força da natureza. Minha mãe conta que minha avó levava para a horta o menino pequeno no balaio e ela, que já estava maiorzinha, ia para ajudar a olhar os outros irmãos, daí mosquitinho começava a beliscar, menino chorando e ela chorando falava: "Ôhhhh mãe, vamos embora". Vovó Terezinha começava a cantar na maior altura para não escutar nem ela falando e nem as crianças chorando.

Enquanto tinha dia, vovó ficava lá na horta e quando ela voltava para casa já estava escurecendo. Minha mãe pedia: "Mãe pode plantar um canteiro para mim"? Ela respondia "Pode!...". Aí, ela plantava um canteiro para ela e outro irmão fazia a mesma coisa. O canteiro de cenourinha amarela era o que minha mãe mais gostava, ela pegava, lavava e comia na horta mesmo. Como minha avó não conseguia comer sem verdura, ela batalhava e punha todo mundo para ajudar. Ela dizia que serviço de criança é pouco, mas quem rejeita é louco. Plantava de tudo! Plantava alho e colhia alho para o ano inteiro, fazia réstia, não tinha esse negócio de comprar alho no mercado não. Não tinha mercado que vendia alho e cebola. E mãe, depois de casar com o meu pai, fazia a mesma coisa, tinha que plantar alho para o ano inteiro.

que aguardavam a hora do alimento, onde, todos reunidos celebrávamos a existência da família a qual pertencemos. A memória desse tempo me surge como faíscas e acende o meu desejo de saber melhor o já sabido de minhas experiências.

Imagem 15 - Pai e Mãe, acrílica sobre papel, 42x80cm, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Trago das minhas raízes, a exemplo de Manoel de Barros (2015), de ter sido criança em algum lugar perdido onde havia difusão da natureza e comunhão com ela. Essas lembranças despertaram em mim o desejo de resgatar a horta. Encontrei um lugar para narrar e documentar através da terra e da arte as minhas primeiras experiências de ensino-aprendizagem. Assim surgiu: *O Ar da A Horta, a Raiz do Coração*, série plástica em que abordo o feminino, o luto, a sublimação da dor, os ciclos da vida, a territorialidade, a corporeidade, a nutrição, a alimentação, a arte ecológica, a ancestralidade, a natureza e a memória. Minha linguagem é tecida com materiais a partir do cultivo da horta e da mistura de elementos imbricados com a experiência do viver, a aparição e o que proporciona o respiro. Em meio ao cheio e o vazio, a alimentação e a náusea do existir.

Imagem 16 - Cultivo da horta, 2021.

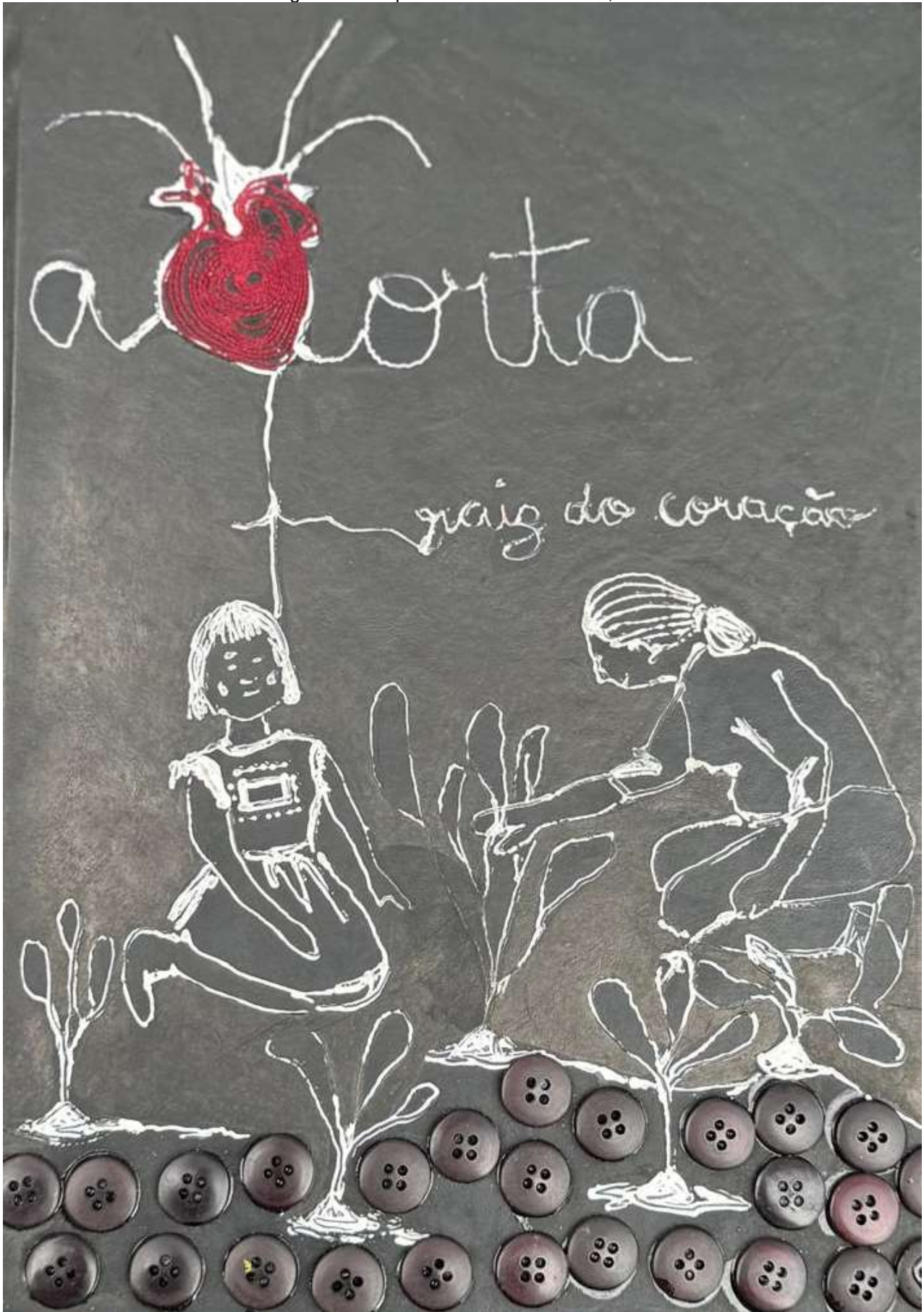


Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

A horta e suas várias camadas, como a cebola que a cada casca tirada aprofunda a metáfora das relações. A horta como ponto de encontro entre filha, mãe e avó, um resgate das raízes e da feminilidade. Primeiro a preparação da terra: arar, capinar, esterocar; depois o plantio. Em seguida, o cuidado diário: aguar, arrancar os matinhos; depois a colheita.

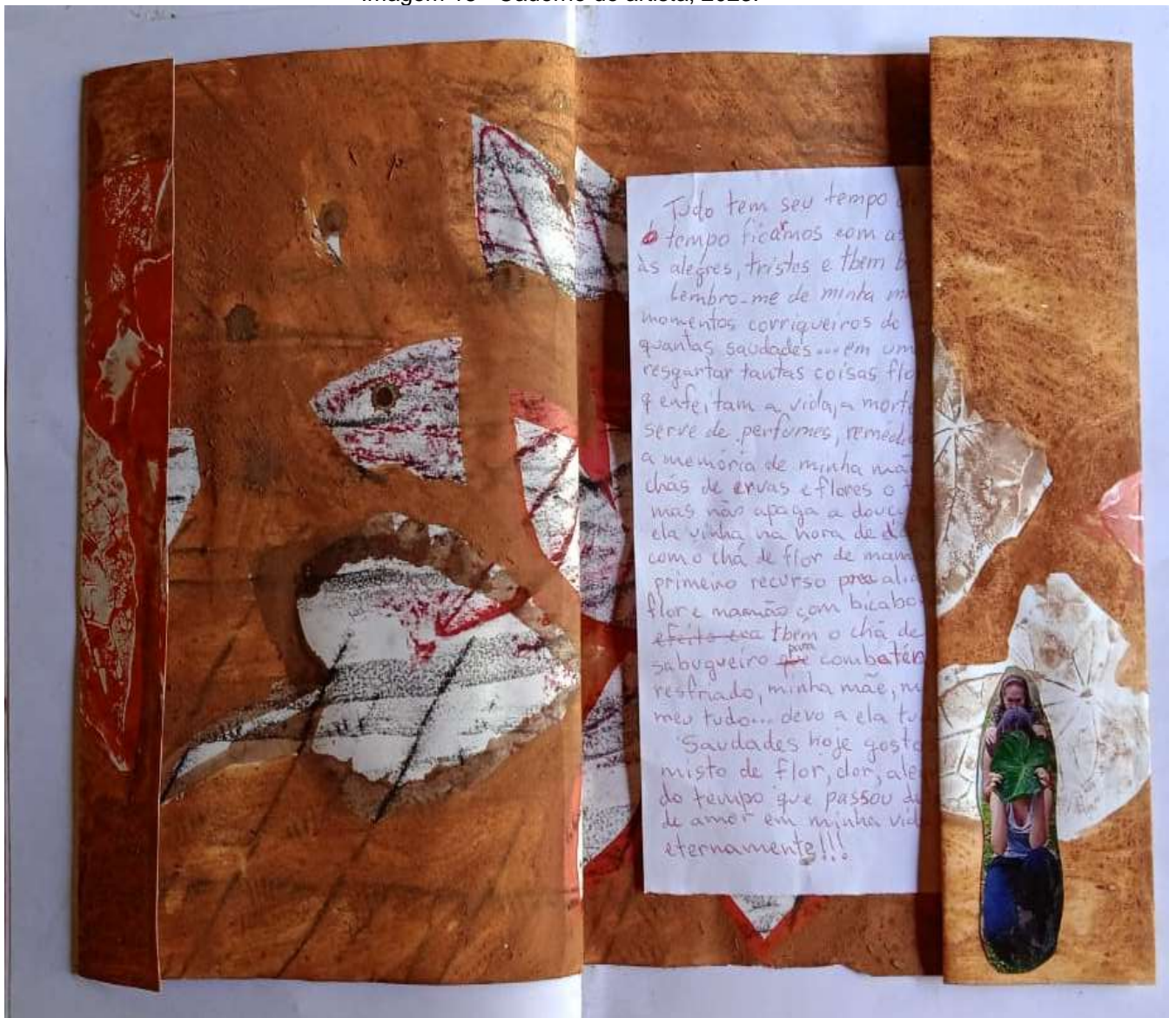
Em meu caderno de artista pergunto: quais são as marcas, registros e rastros que a horta pode gerar no meu processo como artista, professora, pesquisadora? Quais as possibilidades que a horta pode me oferecer para meu processo de criação? Existe uma estética da horta? A estética da horta pode se tornar obras de arte e afetar outros sentidos?

Imagem 17 - Capa do Caderno de artista, 2021.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 18 - Caderno de artista, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 19 - Carta escrita por minha mãe para minha avó, 2023.

Tudo tem seu tempo determinado
 o tempo ficamos com as lembranças
 às alegres, tristes e tbem benéficas.
 Lembro-me de minha mãe em vários
 momentos corriqueiros do dia a dia,
 quantas saudades... em uma flor posso
 resgatar tantas coisas flor e flores
 q enfeitam a vida, a morte e tbem nos
 serve de perfumes, remédios ai vem
 a memória de minha mãe com seus
 chás de ervas e flores o tempo passa
 mas não apaga a doçura. Com que
 ela vinha na hora de dor e mal estar
 com o chá de flor de mamão era o
 primeiro recurso ~~para~~ aliar o mal estar
 flor e mamão com bicarbonato, ~~e o~~
~~efeito~~ era tbem o chá de flor de
 sabugueiro ~~que~~ ^{para} combater febre e
 resfriado, minha mãe, minha médica
 meu tudo... devo a ela tudo que sou.
 Saudades hoje gostosas com
 misto de flor, dor, alegria mas
 do tempo que passou deixando marcas
 de amor em minha vida. Te amo
 eternamente!!!

Imagem 20 - Caderno de artista, Mãe, 2021.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 21 - Caderno de artista, Colheita, 2021.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 22 - Caderno de artista, Mortuária de Vovó Terezinha, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Nesse processo investigativo e artístico, das idas e vindas diariamente na horta, faço as colheitas, lavo as folhas, retiro as velhas para alimentar as galinhas, olho para a colheita, para suas cores: vermelho, verde, roxo, amarelo; suas texturas, sinto os aromas e começo a desenhar com os alimentos, construo cuidadosamente mandalas. O desenho vai para a mesa, e nela partilharmos o amor em forma de alimento. O registro diário, feito das colheitas da horta onde o alimento é desenho, identidade e memória afetiva.

Por horas, por meses, a cada dia construo uma mandala e esse ciclo se repete como uma simbologia da vida. É necessário respeitar o tempo de cada planta, do germinar ao ponto de colheita, observo e desenvolvo a paciência tão importante para a escuta, para compreender a identidade de cada um. A planta como um ente querido, a planta como uma irmã. Vejo o desenho da mandala como uma fotografia 3X4 da identidade da horta, que, a cada dia se apresenta de uma nova forma.

Quando estou na horta ou cozinhando me pareço com a personagem da crônica de Rubem Alves (2021) que vai ao divã e diz: “Acho que estou ficando louca” e continua falando do

seu prazer em cozinhar e da sua experiência com a cebola. Ao cortar a hortaliça, um gesto que já fizera muitas vezes, mas nesse dia, espantou-se e percebeu que nunca tinha visto uma cebola. E ela descreve a cebola como uma rosácea de um vitral de catedral gótica e o seu olhar transformou aquele objeto comestível em obra de arte para ser vista. Essa transformação está relacionada com o que o autor nomeia de olhar vagabundo. É com esse olhar que construo as mandalas. Sabe-se que a mandala é um símbolo cultivado em diferentes civilizações do planeta e pode ser entendida como o que contém a essência e também reflete uma forma misteriosa da ordem da natureza. Por exemplo, se vejo uma mulher barriguda, lá está a mandala e o seu centro o umbigo que como um círculo conecta com o embrião, a sua essência é a vida multiplicada. Ao contemplar as hortaliças como o limão, a beterraba, o pepino partidos pela metade formam duas mandalas, a alface, a flor de maracujá, o piolho de cobra enrolado ... uma lista interminável da presença da figura da mandala na natureza. As palavras do índio Cacique da aldeia Siox expressa essa infinitude.

O poder do mundo manifesta-se sempre em um círculo e todo objeto tende a ser redondo: o sol e a lua nascem e se põem descrevendo um círculo; até as estações fazem um círculo voltando dali de onde vêm. A vida do homem é um círculo (CACIQUE SIOUX, 2024).

Ao desenhar as mandalas me integro com o cosmo em um diálogo intimista, em um gesto de agradecimento ofereço simbolicamente o alimento transformado em arte. Nesse movimento habita as forças da natureza e os elementos: água, ar, fogo e terra presentes na horta, uma partícula do todo. As oferendas, uma tradição antiga e presente em diversas culturas, no contexto religioso, é um ato de ofertar algo material ou simbólico como expressão de gratidão, proteção ou para alcançar uma graça. Na arte, alguns artistas já utilizaram essa linguagem, por exemplo o trabalho *Bori* ou *Oferenda à Cabeça*, do artista baiano Ayrson Heráclito, é compreendido como um ritual poeticamente inspirado na prática de ofertar comidas para a cabeça em cerimônias religiosas de matriz afro-brasileira. Ele acredita que alimentar a cabeça com comidas para os deuses é evocar proteção. Dessa forma, vejo a horta como uma performance, na qual o meu corpo é a oferenda.

Em outros dias, meu olhar imagina as colheitas como uma oferenda à minha ancestralidade, como um alimento para a minha memória, a memória de minha linhagem, às outras mulheres que vieram antes de mim, a minha avó, minha mãe e tantas outras que precisaram existir para que hoje eu estivesse viva e contando a minha história. Essas mulheres existem em mim, nos meus mais profundos genes. Monto um buquê com as hortaliças,

prato favorito de minha avó, ofereço a ela em um movimento ritualístico, ao altar de sua memória em mim, nesse gesto mora um breve reencontro.

Imagem 23 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 24 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 25 - 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 26: 3x4, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 27 - Buquê, série AHorta, a Raiz do coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Convido a minha mãe e a minha irmã a partilharem dessa oferenda, sem explicar muito em palavras, peço-lhes que segurem suas colheitas do dia para eu fotografar, como um ritual contemporâneo e ao mesmo tempo ancestral envolvendo diversas mulheres e revelando as importantes relações existentes dentro da minha família, desnudando questões veladas de nossa feminilidade. Sempre gostei de imaginar o que sente, por exemplo, a folha da taioba ao ser encharcada pelas gotas de orvalho. Ou o que sente a minhoca na escuridão da terra? Assim, as plantas iam compondo e recompondo paisagens, sonhos, subsistência. As plantas me conectam à vida, à imagem do coração e os pulsantes ciclos femininos, suas ondas e intensidades, seus brilhos e solidões.

Imagem 28 - Buquê Mãe e Irmã, série AHorta, a Raiz do coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 29 - Autorretrato, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Eu vim do corpo da minha mãe
Ela me deu semente boa
Nutre meu corpo
Se espalha em bênçãos
Sou plantadeira de semente boa (NOLASCO, 2024)

As sementes das hortaliças, geralmente, são minúsculas. Ao lançá-las na terra fico dias aguardando ela germinar, e quando ela desponta, tão frágil, fico em dúvida se irá vingar. Há sabedoria no semear, que só vim a saber através de minha mãe. O trabalho de quebrar os torrões de terra e esfregar a terra por entre as mãos à deixa mais refinada para que,

posteriormente, o trecho a ser semeado seja alisado e com um dos dedos façamos um pequeno buraco onde a semente será depositada.

Destes corpos presentes aflora questionamentos sobre a conexão entre o feminino e a terra. Quais mistérios do feminino e da sabedoria ancestral carregam em meu corpo? Existe uma conexão dos ritmos femininos com os ritmos da natureza? Do ciclo menstrual com o ciclo lunar? Da cura da menstruação com a cura da Terra? Caminho de volta às minhas raízes, as raízes das plantas, dos alimentos que brotam da terra. Quando olho em torno mais profundamente percebo-me pertencente à natureza, percebo-me natureza. O meu corpo é a raiz do coração, é o meu espaço mais íntimo e nele guardo quem sou. Quem sou eu? Quem é você?

Imagem 30 - Autorretrato, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 31 - Autorretrato, série AHorta, a Raiz do Coração, 2021, fotografia.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores. A bichos, pacatos ou não que nelas repousam [...]. Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais do que existo (FREIRE, 2012, p. 25-26).

Considero o meu Ser *artistapesquisadoraprofessora* como uma metáfora, na qual sou árvore, com minhas raízes profundas. Sou vários tipos de árvores: ipê, gameleira ou mangueira. Minhas folhas são imparipenadas, paripenadas, palmadas e, ainda, recompostas.

Da calêndula à begônia até a azaleia, floreio. Em intermitência, na primavera, fico umede-cida. Estou frondosa e florida. Os pássaros e insetos vêm até a mim em busca do alimento que as forneço. Da minha seiva que corre nas veias. Então ofereço-lhes os frutos que, de verdes a maduros, ou tão somente apodrecidos, sustentam a cadeia alimentar. No inverno fico seca, as folhas caem e delas são formadas o húmus necessário para o solo resplande-cer a continuidade da minha existência. Quando criança, cresci subindo em árvores. As mangueiras eram minhas preferidas, com galhos grossos e saborosas mangas que comia com sal. É emoção singular colher uma jabuticaba no pé e saboreá-la ali mesmo. A minha história como causa que se forma a cada instante no olhar. Sempre volto a ser criança!

Enquanto adulta, recorro à minha memória de criança, da minha coleção de folhas. Ainda hoje, quando estou na horta arrancando os matinhos, fazendo as podas, observando os serezinhos pequeninos que a habitam, eu apanho as folhas das plantas e guardo-as entre as folhas de um livro de poesia. Imagino o que as folhas da planta e do livro trocam entre si. Deixo elas lá por dias até secarem, depois agrupo pelo formato, tamanho e cor. Reparo em como o cabinho une a folha à planta, na consistência que o vegetal tem, se parece áspero, seco, macio, aquoso. Observo se a folha tem uns pelinhos, que o verso possui um tom diferente da frente. Pesquiso e identifico as plantas da minha coleção. Protejo as folhas já secas dentro de uma caixa de madeira.

Durante minhas investigações, recebi alguns presentes de familiares, como: uma foto de minha avó Terezinha na horta, a minha sobrinha se disponibilizar a fazer colheitas para a minha coleção. Fotografo vários momentos da horta, desde animais, plantas e pessoas no cuidado diário. Essas fotografias considero uma outra coleção. Uno as duas coleções de folhas e fotos por meio da costura. Utilizo agulha, linha, palavras, tecido e plástico transparente e transformo minhas coleções em novas imagens.

Imagem 32 - Coleções da Horta, Autorretrato, técnica mista.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 33 - Coleções da Horta, Pai e Mãe, técnica mista.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 34 - Coleções da Horta, Vovó Terezinha, técnica mista.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 35 - Coleções da Horta, Marlon e Eu, técnica mista.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 36 - Coleções da *Horta*, técnica mista.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 37 - Coleção Serezinhos da Horta, fotografias.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Agora coleciono cacos de louça
Quebrada há muito tempo.
Cacos novos não servem.
Branco também não.
Têm de ser coloridos e vestutos,
Desenterrados – faço questão – da horta. (ANDRADE, 1979)

Assim como o menino de Drummond, coleciono folhas e serezinhas da horta, uma coleção que exige uma espécie de lavra e sua busca é a da personalidade de uma coleção talvez incompreensível para os outros, mais essencial para mim. Essas coleções e os outros trabalhos da série *O AR DA AHORTA, A RAIZ DO CORAÇÃO*, bem como a escrita, atuam como remendos da minha alma. O meu lavrar de cacos acontece na caminhada de um percurso investigativo e fundamental para a formação do meu olhar e da minha leitura do mundo. Na vagarosidade, ao prazer das pequenas descobertas construo minha narrativa. Sigo com a pergunta: quais são as marcas, registros e rastros que a horta pode gerar no meu processo como artista, professora, pesquisadora?

Francesco Careri (2013a), no livro *Caminhar e parar*, nos relata que no ato de caminhar em se aprende a perder tempo para ganhar espaço. Pergunto-me: seria esse caminhar, também uma forma de fazer arte? Quando desenho as mandalas com os alimentos colhidos da horta; quando coleciono fotografias de serezinhas da horta; quando caminho margeando o rio, estaria eu aprendendo a perder tempo para ganhar espaço? E qual espaço seria esse?

A horta como um espaço para se perder tempo, um espaço para aflorar ao pensamento o que havia permanecido invisível, embora visto. A horta como um lugar de pausa, um menir, um lugar de devaneio, um lugar de arte, um ponto de encontro e reencontro de si mesma e com o outro. Sendo assim, Delory-Momberger (2008, p. 56) salienta que o que dá forma ao vivido e à experiência são as narrativas que se faz de si. A narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressa, mas, o lugar no qual o indivíduo toma forma e se reforma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida como contínua construção de si.

“A semente nova tem fé. Ela se enraíza mais fundo nos lugares que estão mais vazios”. (PINKOLA, 2024) O que minha mãe mais ama fazer na horta é semear. Um dia desses, enquanto semeava, ela cantava: “Dorme sementinha, fica bem quietinha, vou deixar-te

agora sob a terra escura, mas não te abandono, virei todo dia, sobre o seu canteiro deitar água fria”. Ela aprendeu com sua mãe a plantar a horta, semear e a cantar essa música. Minha avó dizia: “as plantas sabem se virar”. O pensamento-coração de criança da minha mãe tinha pena da sementinha na terra escura sozinha. Naquele vazio enraizou-se as memórias mais significativas da minha mãe. Era preciso ir mais fundo, queimar as camadas da horta, olhar além do que está posto, tirar o véu. Enfiar-me no emaranhado de galhos, folhas, pássaros, minhocas, plantas, insetos. Sem estar imerso na experiência, nada aconteceria. Cortar as folhas secas e limpar os cachos da bananeira me chamou a atenção para o rebento que não nasceu.

Imagem 38 - Caderno de artista, Ode à Vida, 2024.



Ode à vida

“Amanhã vou lá ouvir o tronco grávido.”

Não sabia que a bananeira guarda em sua raiz o seu fruto e que lentamente esse bebê percorre o seu corpo, se deslocando da sua raiz, passando pelo seu tronco até desabrochar em cacho de banana. No cacho ela leva o seu coração que também é conhecido como seu umbigo. Hoje, aqui na roça, uma bananeira grávida sofreu um aborto e pude sentir a força da vida que também não nasceu. Mesmo natimorto, a pequenina soube dar todo o potencial de vida que está em cada planta, em cada ser vivo. Esta pequena não fez a jornada para o crescimento, mas prosperou.

As bananeiras têm forte filiação: a avó, a mãe, a filha, a neta tudo junto. Nós mulheres já nascemos de nossas mães com os óvulos todos, que um dia podem vir a germinar. A metade do ovo que nos constitui foi gestado no útero da nossa avó.

Sinto que a conexão com a natureza é a minha forma de entender a mim mesma e ao mundo. Olhar para a bananeira me fez refletir sobre o lugar de viver a experiência de estar grávida, de ser morada, esse estado de espera na orquestra da vida, essa possibilidade de encontro. Também pensei na minha história e através dessa imagem pude resignificar a dor da invisibilidade, deixando fluir a vida em sua potência. Esse lugar tornou-se portal e travessia.

A nudez do corpo da bananeira trouxe-me a dimensão de que somos natureza. Penso o que passa na cabeça dessa mãe? Como é ser mãe da criança que não nasceu?

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

“Um dos gestos mais belos e generosos do homem, andando vagarosamente pelo campo lavrado, é o de lançar na terra as sementes” (LISPECTOR, 2024). Quando a chuva caía bem mansinha, molhando vagarosamente o chão, acariciava as raízes como se fossem os cabelos da terra. Nós, empoleirados no fogão a lenha, aguardávamos algo quentinho para beber e combinávamos o plantio do dia seguinte. Lembro-me da imagem do meu pai com a enxada na mão, fazendo as covas no chão ainda úmido e o cheiro de terra molhada exalava no ar. Sentia o toque macio daquela terra nos meus pés descalços. Lançávamos na terra as sementes de feijões e com os nossos pés tampávamos a cova. Depois de alguns dias, as sementes se abriam para dar caminho à nova vida. Existia na lavoura os seus ritmos de plantio, colheita e descanso. Este ritmo também se mostrava nas cores das plantações, nos tons dos ventos, no arado puxado pelo boi preparando a terra, nos tachos de curau de milho e nas mãos ásperas e fortes do meu pai. Curioso a mesma palavra, cova, ser berço para semente e abrigo para o corpo do meu pai.

Já adulta, quando ele colhia os grãos de feijão, minha mãe carinhosamente, colocava-os numa garrafa de vidro e os enviava para mim onde quer que eu estivesse morando. Em 2008, meu pai estava doente e acabou falecendo. Com a sua morte guardei em minha coleção a última garrafa com os grãos plantados por ele. Para onde eu vou, eu os levo comigo. Carrego meu pai na memória e os feijões na garrafa. Esses dias, olhei para esses feijões e senti o desejo de tocá-los numa conversa silenciosa com o meu pai. Lembrei-me de quando ele estava internado e eu o acompanhava nesse processo. Foram meses esperando a cirurgia cardíaca, sentia uma angústia tão grande, ver a morte rondando, perceber minha impotência diante dela, era difícil expressar em palavras, parecia que os arranjos de todas as letras eram insuficientes para comunicar a minha dor. Havia um misto de esperança e desespero. Pensar os meus dias sem a presença do meu pai doía profundamente. Como lhe dar, a cada instante, com essa possível perda?

Imagem 39 - Feijões, última colheita do meu Pai, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

“Quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder” (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29). No hospital, sem saber o que fazer, tomei o papel e o giz de cera e passei a registrar os últimos instantes de sua vida. Como se eu quisesse falar do tema, que toca a todos nós, e do qual não queremos ser lembrados: a morte. Com esse gesto eu desejava eternizar a presença dele e amenizar a minha dor. Durante o processo, os outros pacientes começaram a pedir para posar para que eu os retratasse. Nasceram retratos que ao longo do percurso da feitura foram expostos nos corredores do hospital. Um paciente vendo aquele movimento escreveu um acrônimo com o nome do meu pai e a partir

dele realizamos um diário coletivo, um caderno onde os retratados escreviam suas emoções. Seriam esses desenhos uma forma de lavar a dor e plantar uma memória?

Imagem 40 - Partida, pastel oleoso sobre papel, 2009.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

2.1 Cartas Autobiográficas da Horta

Partida do Vô

Lembra-te de mim
como amigo,
como pai, avô , bisavô.

Lembra-te de mim
ladeado por duas bandeiras hasteadas:
a honradez e a simplicidade.

Lembra-te de mim
como cidadão.

Lembra-te de mim
como médico “de homens e de almas”

Lembra-te de mim
como um contador de histórias.

Lembra-te de mim
nos frutos do amor ao trabalho.

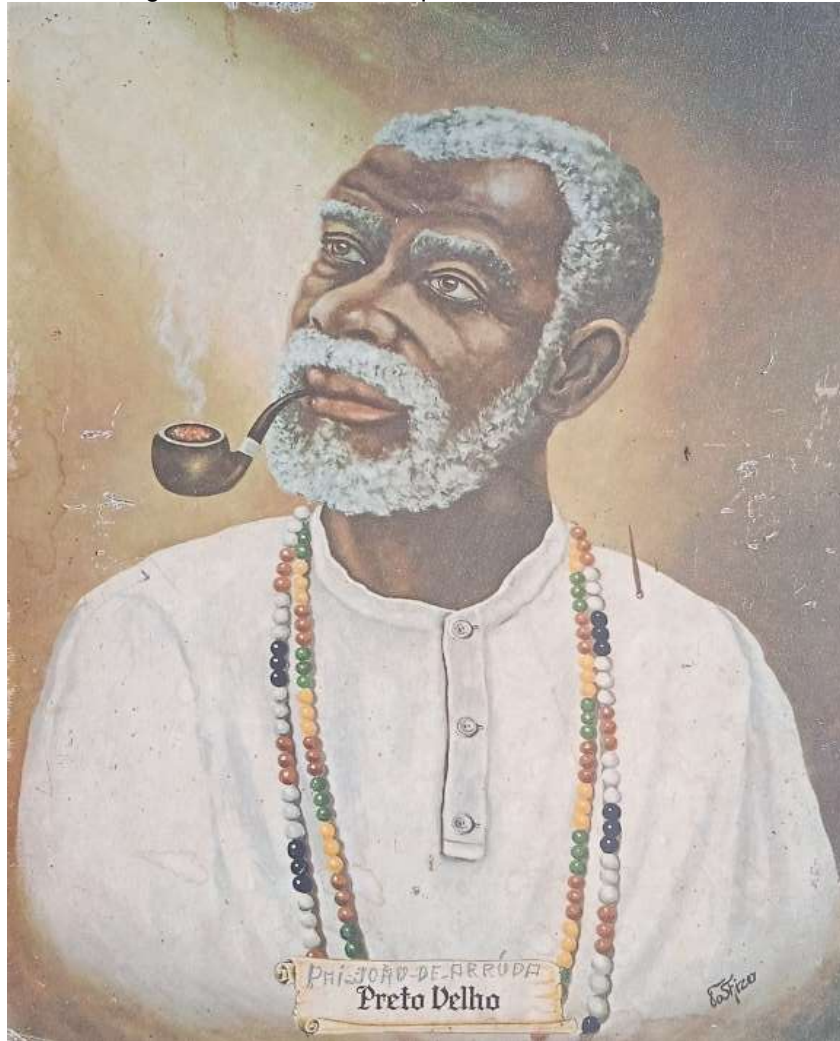
Lembra-te de mim
no cuidado dos seus.

Lembra-te de mim
em atitudes de solidariedade.

Assim serei eterno. (CERES, 2011)

Pinkola (2024) considera as histórias de um parente vivo, e por isso lhe parece razoável que, uma determinada história chame uma segunda história específica, que por sua vez, evoque uma terceira e daí por diante, até que a resposta a uma única pergunta se estenda por diversas histórias. Entre as várias caminhadas, uma pausa para uma xícara de chá. Entre um gole e outro, uma nova história, dessa vez, lembrei-me do *Oráculo das Árvores*, de Clarice Borian (2020) e da carta que tirei em resposta a uma pergunta. A carta aconselhava: “Desligue sua mente, escute a melodia da natureza, deixe fluir... Faça como o Buriti: permita-se guiar-se pelos sinais internos. Respire, acalma-se e siga sua intuição”. Pensando na carta, olhei para o quadro do Preto Velho, herança do meu avô materno, respirei e segui minha intuição. Para quem não sabe: Preto Velho é conhecedor da magia divina e da manipulação das ervas.

Imagem 41 - Preto Velho, quadro do meu avô materno.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

O meu avô, Tião Papulinha, médico de homens e de almas, contador de histórias, lavrador, benzedeiro, estudioso das plantas, vaqueiro, pai, avô, bisavô. Homem simples, colecionador de santinhos, devoto de Preto Velho, raizeiro, cuidava da família e da comunidade domjoaquinense com as garrafadas feitas das ervas medicinais. A maioria dessas ervas cultivamos na nossa horta e as utilizamos como medicina preventiva.

Recentemente, reabri uma caixa velha enferrujada e dentro dela, cartas, orações, rezas, banhos de descarrego, estudos sobre as plantas, receitas e anotações, dentre outros guardados datados de 1940 a 1970 que pertenciam ao meu avô Tião Papulinha.

Imagem 42 - Retrato do meu Avô Tião Papulinha.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Observando atentamente os pertences do meu avô que estavam na caixa, surgiram algumas memórias que, inevitavelmente, me fizeram refletir sobre a importância dos conhecimentos da cultura popular e sobre a farmacopeia ancestral que recebi oralmente do meu avô. Nesse processo senti o desejo de ouvir outras histórias relacionadas a sabedoria popular e as plantas. Então, convidei algumas pessoas, para contarem suas memórias afetivas relativas a alguma erva ou planta que marcou a sua vida. Essas histórias foram transformadas em um baralho. Cada carta tem frente e verso, sendo o verso composto pelas histórias e a frente pelos desenhos feitos pelas crianças e amigas a partir da observação das plantas da horta. E assim, segui minha intuição e juntos criamos esse baralho *Carta Autobiográfica da Horta*. Ele evoca a sabedoria popular, o conhecimento ancestral das ervas, também é uma homenagem ao meu avô Tião Papulinha e uma reverência ao Preto Velho.

Carta Melissa

Lembro-me do amor em forma de Melissa que invadiu minha casa no mês de julho do ano de 1999. Minha mãe tinha perdido um irmão de infarto fulminante. Era o caçula! Jovem e cheio de vida! Aquele desencarne trouxe muita dor para a família! Depois de toda a liturgia fúnebre, todos foram para suas casas com um vazio que somente o tempo seria capaz de amenizar. Bateu a companhia, abrimos. Ainda não sei explicar o que veio primeiro: o aroma, a beleza do bule ou o carinho de quem trouxe a erva. Ceci adentrou a casa, mãos grossas, de quem viveu muito segurava o bule de porcelana como quem carrega um tesouro. Explicou para minha mãe os benefícios da erva Melissa! Pegou uma xícara, virou lentamente o chá pronto,quentinho, saindo fumaça e espalhando um misto de solidariedade, carinho, aconchego, presteza e amizade pela cozinha. Ceci serviu a minha mãe, disse que ela dormiria bem, que iria se sentir mais calma e serena. Completou informando que tinha muita erva em sua casa e que traria todos os dias. E assim ela fez... durante um mês esperávamos o horário da chegada do bule com o chá de Melissa (TEIXEIRA, 2024).

Carta Funcho

Tenho muitas memórias com chás e plantas medicinais. Fui criada no meio de muitos aromas e sabores que me invadem a memória, mas tem um específico de folhas finas e um aroma tão peculiar, inesquecível me vem a memória: o chá de funcho. Minha avó Dona Nini ou Tunica, tinha valiosas plantas em seu quintal, que curavam qualquer dor, seja física ou emocional, assim ela dizia, trazendo conforto do corpo e da alma. Mas o funcho que me dá mais saudades de uma época mais simples, mas cheia de sabedoria. A cada neto que nascia ela já reservava o chá para cólicas futuras dos recém-nascidos ou leite materno que não descia para saciar a fome do recém-chegado. Quem é neto da Dona Tunica ou vovó Nini com certeza tomou um chá de funcho para acalmar estômago, para cólicas e afins, desde do nascimento ou tenra idade fomos apresentados a este sabor tão inesquecível, saboroso, de folhas delicadas, que cada gole vinha um fiapo das suas folhas, que engolia e sentia descendo na garganta. Nas tardes frias de inverno sempre tinha o aconchego de vó, chazinho de funcho no bule e muita história para aquecer o coração e assim ficou estas memórias afetivas de vó com cheirinho de funcho (MARINHO, 2024).

Carta Chá de Erva Cidreira e de Cadeira do Dentista

Acordava às noites de sobressalto e corria até o quarto de meus pais, minha mãe dormia do lado direito da cama. Pulava pé ante pé até ela e colava as minhas mãozinhas nas suas narinas para sentir sua respiração! E sentia um alívio enorme quando ela acordava incomodada e assustada me perguntando o que eu fazia ali. Diante da felicidade ao vê-la acordada e viva, eu inventava que meu dente doía muito! Ela então emprestava sua doçura e levantava para fazer um chá com a erva colhida na madrugada. Um pé na porta da cozinha de erva cidreira. O fogão com as brasas envoltas pelas cinzas também ficava feliz com o assopra de vida dela e, rapidamente, nos

aquecia e dava vida ao Chá de Erva Cidreira. Tomava o Chá devagarinho, degustando a alegria de ter minha mãe só para mim naquele momento. E com a promessa de ter que ir no dia seguinte visitar Dr Honório, nosso exclusivo dentista, que ao me ver falava: Nossa! Você aqui de novo! Nasceu com a boca ruim hein! E já percebia que estava fazendo fita. Para me castigar ele me deixava de boca aberta, um longo tempo, na cadeira, enquanto ia mexer na sua horta que ficava no pátio interno. Me esperando jogar algum objeto da janela e mostrar minha boca ainda aberta. O chá de Erva Cidreira com minha mãe valia o chá de cadeira do dentista. (LAGES, 2024)

Carta Chá de Camomila

Erva
 Flor
 Tão mimosa
 Tão delicada
 Tão perfumosa
 Lá no quintal, o canteiro de camomila vibra em formosura
 Quando colhida, o frescor e aroma de sua ramagem se espalham
 Anunciam transformações
 Já vem um chazinho
 Que acalma
 Que relaxa
 Que aquece
 Na xícara, a infusão aviva outros sabores
 Amor
 Proteção
 Cuidado
 Relaxamento
 Calma
 Cura
 Minha lembrança com a camomila tem tempo e lugar: na infância, na casa-sítio da Nona Esmeralda.
 Em dias frios, quando a gripe rondava, ela fazia a infusão
 E me servia à noite, antes de ir pra cama.
 O chá de camomila era ativado com outro ingrediente: uma gemada.
 Na lembrança, sinto o sabor da gemada que, vigorosamente batida, até ficar cremosa, era misturada à bebida.
 E seu calor - agregado à suavidade e à doçura -
 Anulava os sintomas da gripe
 Xô, tosse e rouquidão!
 Respiro. Alívio.
 Na lembrança, sinto a presença cuidadosa da minha Nona, que se oferecia naquele quentinho-doce-suave da infusão da camomila colhida em seu quintal. Ao se misturar à gemada, o chá de camomila incorporava a maior qualidade: a delicadeza.
 “Permita-se sentir a delicadeza da camomila. Pause. Aqueça o coração de boas lembranças e cultive o cuidado de si, na simplicidade delicada do sabor da flor de camomila”. (OSTETTO, 2024)

Carta Ora-pro-nóbis

Ora-pro-nóbis (expressão em latim significa rogai por nós)

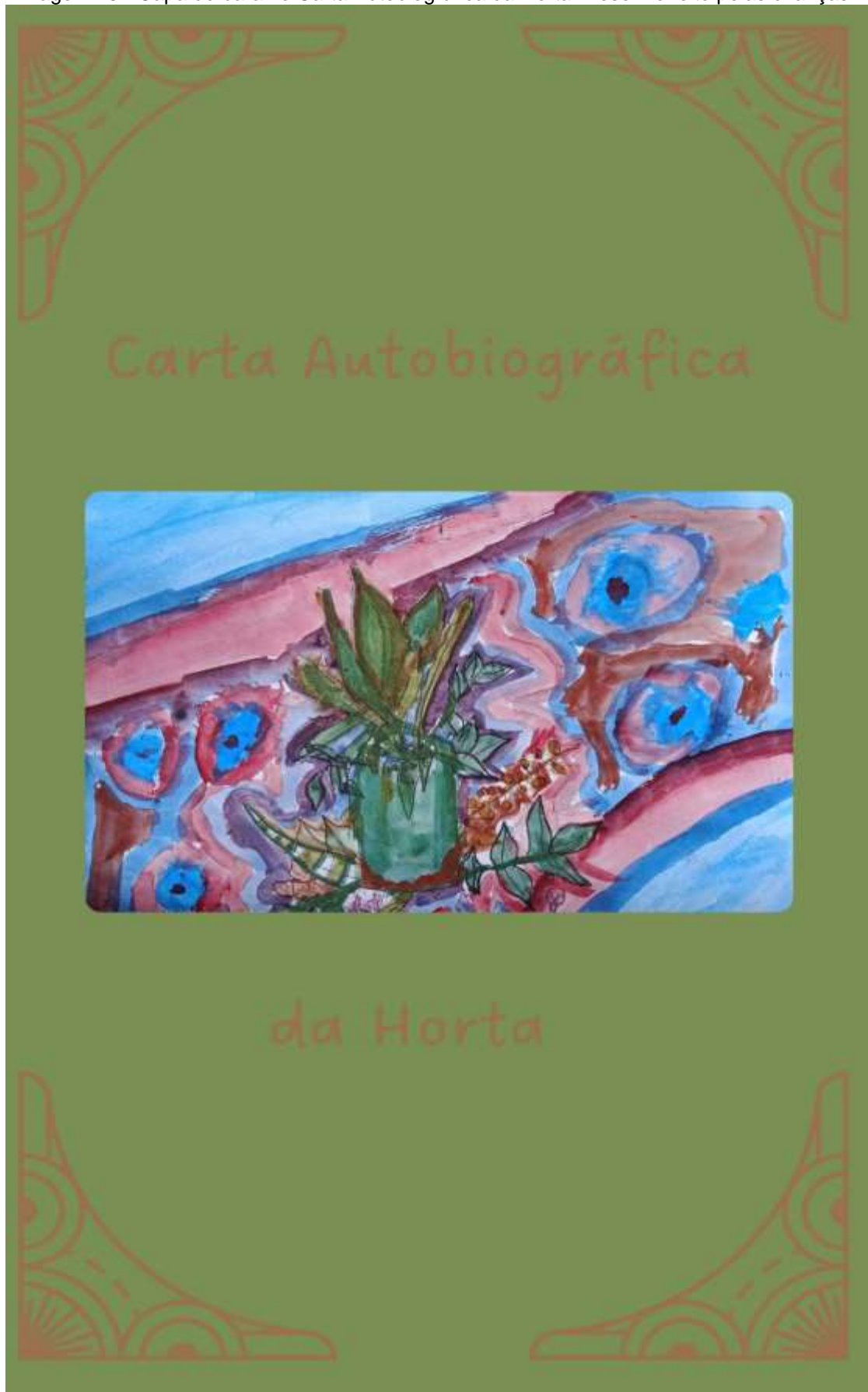
No início quando pequena comia ou tomava por obrigação, minha mãe insistia em ter muitas propriedades que pudessem restabelecer minha saúde, usava como se toma remédio, só porque precisa, nada por prazer, sabe. Mas aquilo que nos cura por mais que seja por obrigação cria laços dentro de nós, então quando mudei pra São Paulo quis trazer um pouquinho de Minas em forma de vida pulsando, peguei uma mudinha e hoje compartilho com tantos que batem na minha porta um pouco deste dom de curar que esta PANC tem e sempre me sobra o bastante.

Já hoje, tomo como uma espécie de clamor a Deus intercedendo a Ele que restaure meu corpo frágil. Rogai por nós pecadores, que a misericórdia Dele me alcance todos os dias da minha vida. (LAGES, 2024)

Carta Arnica

Minha infância teve cheiro de arnica. Com saudade revejo o banco de madeira na calçada, três casas antes da minha. Dona Nazita sentada sempre com uma bacia: ora descascando alho ou ora catando feijão. Tinha os braços fortes, as pernas inchadas de erisipela e a companheira bengala de madeira ao lado. Todos os dias quando a tarde caía, lá estava ela com seu vestido florido. Eu saía da minha casa e corria para o banco. Gostava de ficar ao lado dela pois a gordurinha do braço era minha diversão. Balançava entre minhas mãos de um lado para o outro como quem brinca de bola. As pernas dela sempre estavam cheias de erva, ela trocava sempre. Tirava as que secavam e colocava as molhadas. Era arnica! Cheiro forte, eu esfregava na ponta dos dedos para sentir o cheiro. Dona Nazita me dizia que aliviava a dor das feridas! Não sei se ela sentia dor todos os dias ou se virou hábito, mas toda tarde lá estava ela vendo o movimento da rua, sentada no banco de madeira com a erva de Arnica enfeitando toda sua perna. (TEIXEIRA, 2023)

Imagem 43 - Capa do baralho Carta Autobiográfica da Horta. Desenho feito pelas crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 44 - Carta Flor de Laranjeira. Desenho feito pelas crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 45 - Frente da carta Ora-pro-nóbis. Desenho feito pelas crianças.



Ora-pro-nóbis

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 46 - Frente da carta Ora-pro-nóbis. Desenho feito pelas crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 47 - Carta Manjeriçã. Desenho feito pelas crianças.



Manjeriçã

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 48 - Carta Camomila. Desenho feito pela Claudinha, amiga de infância.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 49 - Carta Camomila. Desenho feito pela Claudinha, amiga de infância.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 50 - Carta Flor de Laranjeira. Desenho feito pela Claudinha, amiga de infância.



Flor de Laranjeira

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 51 - Carta Melissa. Desenho feito pela Carla, amiga de faculdade.



Melissa

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 52 - Carta Melissa. Desenho feito pela Carla, amiga de faculdade.



Melissa

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Todas essas experiências emergidas do *O Ar da AHorta, a Raiz do Coração* como os plantios, as colheitas, a preparação dos alimentos, as caminhadas, a escrita autobiográfica e o ateliê de arte me levaram ao encontro da afirmação de Delory-Momberger (2006), que: por meio do relato, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo, explicitando as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica. Sendo intérprete do seu mundo histórico e socialmente construído, figura e formata imagens, representações e valores. O sujeito produz categorizações que lhe permitem apropriar-se e coletivizar-se no mundo e nele definir o seu lugar. Seria a construção da horta como ateliê em arte um relato no qual eu me faço intérprete de mim mesma? Quais são as marcas, os registros e os rastros que a horta pode gerar no meu processo como artista, professora e pesquisadora?

Sigo na minha pesquisa onde a narrativa, o processo de construção da horta me possibilitou conectar com as histórias das cinco meninas da escola que frequentaram o ateliê autobiográfico. Inspirada em Delory-Momberger (2023), escutar é acolher o outro na sua presença. Escutar é ouvir e permitir que o outro se ouça, seja dono de palavras. Caminho para as próximas etapas da pesquisa ouvindo as narrativas das crianças e analisando as suas criações artísticas por meio da construção de inventário dessas imagens. Como acolher as palavras de cada uma? Qual a potência transformadora que habita essa escuta? *A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte* possibilita essa experiência? O que essa experiência de viver a horta provocou nas crianças? Como a produção das crianças reverbera em meu processo de criação e se desdobra na minha formação e invenção no ateliê autobiográfico?

3 PROJETO DE ENSINO DE ARTE: A HORTA COMO ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade (BARROS, 2015).

Quando eu era criança gostava de ir para horta brincar nos poços d'água, ficar amassando e alisando a argila com os pés, para depois brincar de escorregar; retirar o barro com as minhas mãos e com aquele barro criar o meu mundo. Eu fazia bichos, panelas, bonecas, casinhas, plantas, como se eu quisesse copiar o mundo em minhas miniaturas. A horta, lugar de minha infância, espaço de intimidade e afeto, me ensina muito sobre a fertilidade, a maternidade, a criação. A terra abriga em seu ventre a semente, acolhe e sustenta. A água abre os caminhos, flui e nutre. A horta é professora, é artista, é mulher, é avó, é mãe, a horta é amor. Nela ancorei minha pesquisa, dela busquei o folego para me narrar, dela busquei inspiração para criar.

A horta me aproxima do meu processo cebola, das minhas várias camadas, da acidez dos meus ruídos, da poesia de Pablo Neruda¹, na qual sou rosa de água com escamas de cristal, e da percepção do mundo através do olhar vagabundo de Rubem Alves (2021). Despir-me das minhas cascas velhas me faz pensar que: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 86). Pergunto-me: Onde estou voando?

Minha mãe conta que eu era uma criança muito curiosa, inquieta e perguntadora e que sentada em um barranco de frente ao alpendre da casinha da Rua do Campo, onde moramos por um curto período de tempo, eu abordava as pessoas que passavam: “Ei! Eu me chamo Aline, qual é o seu nome? Vamos conversar”. Até hoje, gosto de dialogar, saber do outro, trocar experiências. Dessa vez, trazer a experiência da horta como um ateliê autobiográfico de arte no encontro com as crianças. Com a seguinte pergunta, como usar o espaço da horta para ensinar arte?

¹ Odes elementares. Barcelona: Seix Barral, 1981.

Provocada por essa pergunta, convidei cinco meninas para passarem uma semana comigo na horta. Do plantio, das caminhadas, das colheitas, da preparação do alimento, da criação. Essas meninas foram minhas alunas na escola estadual de Dom Joaquim, elas têm entre 11 e 12 anos. As escolhi porque, durante o nosso contato em sala de aula, percebi algo que nos une: a curiosidade e o desejo de aprender.

Para Freire (2012), a curiosidade se aprofunda e se aprimora no mundo da existência humana. O espanto diante do não-eu como o princípio do ato de filosofar, portanto, o ponto de partida que propicia o início do processo investigativo diante daquilo que é desconhecido. A curiosidade estética exige uma dimensão da curiosidade humana que não pode ser reduzida meramente ao caráter investigativo, sendo ela uma espécie de abertura de compreensão do que se acha na órbita da sensibilidade do ser desafiado. O belo exige também uma curiosidade despojada de interesses, pois se deixa revelar na órbita da contemplação gratuita.

Há outra forma curiosa de nos entregarmos gostosamente ao desafio. Trata-se da curiosidade estética. Ela me faz parar e admirar o pôr do sol. É o que me detém, perdido na contemplação da rapidez e elegância com que se movem as nuvens no fundo azul do céu. É o que me emociona em face da obra de arte que me centra na boniteza (FREIRE, 2012, p.38).

Existe uma estética da horta? A estética da horta pode se tornar obras de arte e afetar outros sentidos? Para Ceruti (2007), a estética é o cuidado da nossa sensibilidade para as relações. Por isso, faz parte do processo de ensino-aprendizagem garantir o encontro das linguagens na transdisciplinariedade. Os atos de trocas entre diferentes linguagens e das descobertas dos limites que se encontram nos enlaces da vida. É preciso gerar a atração. A curiosidade, o querer fazer parte, pode ser despertado na criança através do professor. Ao externar suas curiosidades, as crianças podem nos dar a oportunidade de voltarmos a nós mesmos e de ver o mundo por diferentes pontos de vista, descentrando-nos.

Durante uma semana, das 13h às 18h, a horta abriu suas portas para receber as crianças e partilhar assuntos como nutrição, autocuidado, contato com a natureza e criação em arte. No primeiro dia da imersão, propus que sentássemos em círculo e no centro da roda havia frascos com óleos essenciais relacionados a elementos da natureza, a saber: as flores, as águas, as matas, a terra e o fogo. Após uma respiração profunda, de olhos fechados, cada uma escolheu o óleo e passou na pele. Esse ritual repetiu-se todos os dias para abrir os

encontros, os momentos de partilha. Qual a importância da roda no processo de ensino-aprendizagem?

Kolb-Bernardes (2011) nos conta que a prática da roda é algo presente no seu trabalho junto às crianças, que suas aulas sempre começam com o convite para se sentarem em círculo no chão, ela acredita que a roda é uma possibilidade de troca, de socialização, de informações e interações entre eles. Ela nos lembra da forma circular que pode ser encontrada na natureza e está presente em diversas culturas. Assim como ela, Luciana Ostetto ressalta a importância da roda e do círculo no processo de ensino-aprendizagem.

A roda e o círculo evocam equilíbrio, totalidade, diferenças interdependência. Eu, tu, ele, o conhecimento em relação, lado a lado, possibilitado pelo desenho que não tem ângulos. Na forma circular, a imagem de um coletivo composto de individualidades que não desaparecem no contorno do grupo (OSTETTO, 2006, p. 155).

Me questiono como a roda contribuiu para nos relacionarmos umas com as outras de maneira verdadeira, de nos afetarmos com o sentido da existência do outro? A roda, espaço que privilegia o diálogo, a troca de saberes, no qual cada um é sujeito da aprendizagem com suas experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais, em um espaço horizontal e democrático, me provoca a seguinte pergunta: Como a roda possibilita abertura de espaços para seguirmos para a horta?

Imagem 53 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Ainda em roda, contei um pouco da minha pesquisa, apresentei algumas referências, como: Jorge Menna, Salissa Rosa, Louise Ganz e Inês Linke, dentre outros que abordam a horta e a natureza como laboratório de ensino-aprendizagem de artes. Junto a Freire (2003), destaco que entre o educador e os educandos mediados pelo objeto a ser revelado, a importância do exercício da atitude crítica em fase do objeto diante o discurso do educador em torno do objeto. Tão logo, a escolha dos artistas surgiu a partir de questões, como: a importância de uma curadoria em arte que dialogue com a diversidade; estabelecer uma conexão dos processos da horta e da arte; oportunizar o desenvolvimento da percepção e da sensibilidade diante dos materiais do cotidiano; e, instigar as meninas para as habilidades de pesquisa, comparação, compreensão e análise crítica.

Como ponto de partida mostrei as artistas Inês Linke e Louise Ganz (2024), em *Cozinhas Temporárias: pelos quintais do Jardim Canadá*. O trabalho é construído a partir de cinco intervenções espaciais e relacionais no bairro Jardim Canadá, em Nova Lima, Belo Horizonte através da criação de cozinhas temporárias. A escolha dos locais das intervenções se deu a partir do mapeamento de plantas comestíveis cultivadas nos quintais de moradias, encontradas em canteiros de empresas da região ou em lotes vagos. Foram realizados percursos, visitas a quintais, mapeamento das plantas, frutas, animais e produtos comestíveis em cinco quarteirões. Em diálogo com os moradores dos quarteirões fizeram as coletas dos alimentos e elegeram os lugares para as cozinhas temporárias: o quintal de uma das casas, um trailer de sanduíche, uma cozinha de empresa, uma barraca de calçada e uma casa. O trabalho propôs identificar a autonomia e/ou a dependência dos moradores do bairro Jardim Canadá relativamente à influência da economia de mercado, partindo da hipótese da escassez de uma produção de alimentos nos quintais do bairro. Entretanto, foram encontrados alguns pequenos produtores e diversos ingredientes nos quarteirões, o que possibilitou a realização das cozinhas e provando a possibilidade de alternativas ao referido progresso mercadológico.

Imagem 54 - Linke e Ganz, Cozinhas Temporárias: pelos quintais do Jardim Canadá, 2012.



Fonte: Site das Artistas, Linke e Ganz, Thislandyourland.

Imagem 55 - Linke e Ganz, Cozinhas Temporárias: pelos quintais do Jardim Canadá, 2012.



Fonte: Site das Artistas, Linke e Ganz, Thislandyourland.

Prossegui minha partilha com as meninas fazendo algumas perguntas: Você possui horta em casa? Você gosta de cuidar ou lidar com plantas e com a terra? Você utiliza verduras na alimentação? Você acha importante ter uma horta? Na sua escola tem uma horta? Você já pensou na horta como ateliê de arte? E uma delas contou:

Eu gosto de colher os tomatinhos quando começam a amadurecer. Na escola em que estudo não tem horta, ela é quadrada e cinza. Acho importante que tenha nas escolas, pois permite o contato com a terra, com a origem dos alimentos, a percepção do tempo de plantar e colher, a observação desde a semente até o momento de comer. Às vezes, eu ajudo a regar e a colher. Acho interessante o tema de trabalhar e se expressar a partir dos elementos da natureza. Mas como a horta pode ser um ateliê?

Ao passo que fomos dialogando, mostrei também o artista Jorge Menna Barreto e suas discussões que giram em torno de como a natureza se apresenta como tema e, ao mesmo tempo, mediadora do fazer artístico e da troca educativa. Para o artista essas práticas refletem os diferentes modos de pensar que as plantas nos demonstram ao propor como a reconhecemos, como companheiras, e não meros instrumentos, do pensar e fazer instrumental. A obra, *Restauro*, de Barreto (2024), consistiu na criação de um sistema articulado a partir de um restaurante-obra na 32ª Bienal-SP, que funcionava como uma extensão de agroflorestas para dentro do pavilhão e seus visitantes. Possibilitou a participação do público em um processo complexo de regeneração da paisagem que acontece nesse tipo de cultivo.

Imagem 56 - Jorgge Menna Barreto, *Restauro*, 2024.



Fonte: Site do artista Jorgge Menna Barreto.

Segundo o próprio artista: “A agropecuária moderna é a atividade humana que mais impacta e transforma o planeta, ao comprometer a biodiversidade, compactar o solo, poluir rios e desmatar florestas” (BARRETO, 2024). A partir da reflexão, o projeto *Restauro*, levantou questões sobre a construção dos nossos hábitos alimentares e a sua relação com o ambiente, a paisagem, o clima e a vida no planeta. A obra compõe-se como um restaurante dando primazia à diversidade vegetal de origem agroflorestal. O elencado espaço de alimentação sugere experiências de metabolização e digestão físico-mental. Aproveitando da percepção dos microclimas, os áudios ligados à obra foram gravados, sobretudo, em agroflorestas, com o objetivo de denotar outro momento da vida dos alimentos. Além disso, *Restauro*, ainda cogita outros usos da terra e as consequências globais da agroindústria. Compreende-se também o sistema digestivo como dispositivo escultural, que forma as paisagens ambientais e o ato de se alimentar como regenerador e modelador desses imaginários.

Imagem 57 - Jorgge Menna Barreto, *Sopa da Biodiversidade*, 2024.



Fonte: Site do artista Jorgge Menna Barreto.

A medida que ia apresentando os artistas colocava algumas provocações: Você gosta de cozinhar? Como é preparar seu próprio alimento? Qual receita você mais gosta de fazer? Já pensou em desenhar com os alimentos? O que é desenho? Ao mesmo tempo que as provocava, deixava claro que aquelas perguntas não eram necessariamente para serem respondidas prontamente. O meu desejo era provocar reflexão, aguçar nelas a memória e relação afetiva com o alimento, o plantio, a arte e despertar a construção de uma narrativa autobiográfica. Desse jeito, fazer ciência de forma diferente, revelando a horta como objeto e sujeito da pesquisa em arte.

Como a horta, ateliê em arte, potencializa o respeito pela natureza? Como valorizar as tradições e a cultura através do cultivo da horta? Acredito que para as crianças desenvolverem o amor e o respeito pela natureza é essencial proporcionar-lhes experiências com a terra e também resgatar histórias e conhecimentos ancestrais. Experimentar, com todos os sentidos, a terra e, escutar as crianças e suas histórias de vida. Para se fazer arte na horta|ateliê é necessário adotar uma abordagem holística que trabalhe integralmente as dimensões ecológica, social, econômica, cultural e política, acreditando na capacidade protagonista das crianças. Dessa forma, a horta tornar-se um lugar transvivencial e de vínculo com o mundo, reintegrando a natureza ao cotidiano nos fazeres de ensino-aprendizagem em arte. Nessas pretensões de nos emanciparmos diante o mundo, em sua maioria, reificado nas relações, na procura de tornarmo-nos menos técnicos e mais orgânicos, faz-se necessário eleger como possíveis reflexões o trabalho da artista Sallisa Rosa. Quais contribuições e comunicações seu trabalho oferece para a horta|ateliê?

Nascida em 1986 em Goiânia, Salissa Rosa, dedica-se a investigações de temas contemporâneos que compõem temas recorrentes às imagens dos sujeitos constituintes em suas fragmentadas identidades e critica as virtuais imagens dos indivíduos plastificados. De acordo com Lemos (2021), ela não se enquadra na tradicionalidade estética ocidentalizada e discute as condições do povo indígena com as novas gerações de indígenas ou não indígenas, o próprio pensar de seu povo e seu o futuro.

Nas narrativas afetivas da artista são trabalhados aspectos da ancestralidade imerso no contexto marcado por violência, migrações, memórias e rituais. Assim como, na criação de uma horta no terreno do Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte, incrementa a visão possibilitadora do enraizamento da cultura indígena na cidade além das discussões sobre a sustentabilidade e a ocupação dos espaços ociosos dos centros urbanos. Será que ao voltamos essa prática de plantar aquilo que se come e compartilhar aquilo que se sobra teríamos um mundo naturalmente mais sustentável e artístico? Será que esse processo de cuidado não está intimamente ligado ao afeto e a criatividade?

Figura 58 - Sallisa Rosa, *Umuarama*, 2019, horta de mandioca como caminho artístico ancestral, residência Bolsa Pampulha.



Fonte: Arquivo pessoal Aline Ramos.

Imagem 59 - Sallisa Rosa, *Umuarama*, 2019, horta de mandioca como caminho artístico ancestral, residência Bolsa Pampulha.



Fonte: Arquivo pessoal Aline Ramos.

É a terra, o solo como recurso ancestral que nos guia para a criticidade do quanto estamos nos tornando menos orgânicos:

Minha prática tem a ver com imagem, fotografia e vídeo, mas também com instalações e obras participativas. Tenho uma pesquisa sobre caminhos e tenho ido muito no sentido de trabalhar com a terra. Refletindo sobre arte e território, penso na materialidade deste elemento que guarda a memória de tudo que já passou e está registrado no solo: pessoas, bichos, plantas e rochas. Acho que a arte também passa por essa demanda de reinvenção e luta por território (ROSA *apud* LEMOS, 2021).

Os rastros das pessoas, dos bichos, das plantas e das rochas no chão são desenhos? E assim, fui conduzindo a roda, de acordo com Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins (2003, p. 08) no exercício da curadoria, a escolha das imagens trabalha o olhar e escava os sentidos. O olhar sem pressa e aprofundado, ultrapassa os limites do reconhecimento, o fim apenas utilitário das imagens. Semiologicamente a curadoria torna-se uma leitura de signos na amplitude simbólica dos significados. A professora-pesquisadora que se coloca em exercício de curadoria, deve estar atento aos sentidos das imagens. Mais que um observador e admirador ele é o leitor das imagens que elege.

O professor de arte introduz o aluno no ato de significação das imagens do seu mundo. O aluno por sua vez poderá comentar, argumentar e participar de maneira crítica frente às manifestações artísticas durante os processos de ensino-aprendizagem. Por esses motivos Barbosa (2003, p. 33), salienta que sem o conhecimento em arte é impossível a imersão na consciência na singularidade da identidade cultural.

Após apresentar e dialogar com as meninas sobre os artistas citados acima, fomos caminhar pelo quintal até chegarmos à horta. Durante a caminhada, sugeri que tirássemos os calçados e nos permitíssemos sentir o contato dos pés com o chão, que caminhássemos lentamente e em silêncio, observando a nossa respiração, o espaço em volta, os cheiros, os sons, as cores. Assim, caminhamos até a horta, o ato de caminhar como uma experiência estética, o ato de deslocar-se como uma ação artística. Dessa maneira, me aposssei do conceito de *Walkscape*, de Careri (2013b), onde ele propõe o andar como um ato criativo e cognitivo capaz de transformar fisicamente e simbolicamente o espaço e assim, criar novas paisagens. Para onde elas olharam? Apesar de morarem no interior que ainda conserva uma paisagem de trilhas de chão de terra e verde, o hábito de caminhar descalço não faz parte da rotina delas, e ao pisarem com os pés nos chãos os sentires foram desde o incômodo das pedrinhas na trilha até o gostar da textura macia da grama. Uma delas, ficou de

cócoras e começou a observar o caminho da formiga, como ela caminhava e se equilibrava carregando uma folha que tinha mais que o dobro do seu tamanho. A outra menina esfregava o mato entre os seus dedos e levava a mão até o nariz e ia descobrindo o cheiro de cada planta. E elas iam trocando umas com as outras as descobertas do caminho como se elas quisessem conhecer o mundo por dentro.

Chegando na horta, ficamos lá por um bom tempo, para que cada uma sentisse o espaço, esmiuçando cada cantinho: a água, a terra, as plantas, os serezinhos, as vidas ali existentes, prestando atenção, nas cores, nas formas diversas, nos cheiros, nos sabores. Jorge Larrosa (2016) diz que a experiência se elabora a partir daquilo que nos toca, do que nos mobiliza, não encerra a ideia de experiência em um início e fim, abre-a para um possível. Como a horta poderia tocar essas meninas? Como fazer da horta uma experiência?

O rego d'água passa pela horta e forma poças d'água, onde elas brincaram, molhando os pés, as mãos, sentadas em uma tábua de madeira balançando os pés para frente e para trás dentro da água. Sentindo o toque da água e da argila no fundo do poço com os pés. Essa argila mais tarde foi apanhada para fazer as cerâmicas. Durante a caminhada elas coletaram folhas e flores, já eu, coletava com o meu olhar tudo que o olhar delas me trazia. Os pés daquelas meninas tocando a argila me fizeram recordar a infância e ver a vida com os mesmos olhos que eu tinha aos dez anos de idade. O prazer da simplicidade que habita nas pequenas coisas. O mesmo prazer que estava estampado no rosto das meninas ao apreciarem aquele simples momento de amassar a argilas com os pés. Como esse gesto revelava as memórias das minhas brincadeiras de infância? Debaixo de uma forte chuva, onde deixava as marcas dos meus pés num lamaçal, ou pisando no fundo barrento de um rio. Brincadeiras de fazer buracos, muros e bonecas. Como experimentar fazer arte com a argila? Como se dá a articulação da arte com as ações cotidianas e colaborativas, de limites permeáveis entre os hábitos de vida comum, tais como a horta e o campo artístico?

Ao lado da horta, embaixo do bambuzal, havia uma mesa e cadeiras, onde elas ficaram durante um período longo daquela tarde enrolando, amassando, apertando, dedilhando, furando, espalmando, modelando e remodelando a argila. As colheitas das folhas e flores ajudaram a moldar as formas do barro. Elas relataram que nunca haviam usado argila antes em uma aula de arte e uma delas falou que somente tocar a argila e amassar já lhe fazia bem. Qual a relação daquelas meninas com o barro? Com o barro nas mãos, elas se expressavam através dos gestos, modelavam figuras deixando marcas próprias e por vezes,

se esforçavam para criar objetos bonitos e agradáveis ao olhar. Elas iam construindo os objetos à medida que iam colocando questões como: “Como manter essa folha em pé? Essa flor está combinando com essa composição? Como tornar o barro mais maleável?”. Uma das meninas pegou a argila fez um rolinho e foi esticando na mesa até que formasse uma placa uniforme, com uma folha de suas colheitas carimbou no barro imprimindo um desenho. Depois cuidadosamente com estilete foi lapidando a folha, só que ela não observou que a argila estava muito úmida e ao destacar o objeto da superfície da mesa ele acabou se desfazendo. Para minha surpresa ela não se frustrou e sim, me pediu para levar um pouco da argila que continuaria suas criações em sua casa.

Imagem 60 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 61 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 62 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

O gesto das crianças amassando a argila durante horas funcionou como uma massagem para as mãos. As mãos tão importantes para a criação em artes, as mãos como uma extensão do coração e da mente. A massagem ajudou a liberar as articulações e preparar para a próxima etapa: o desenho.

Delimitei o número de cinco pessoas, pois assim, pude dar a devida atenção a cada uma individualmente, priorizando a qualidade e profundidade no processo de ensino-aprendizagem. Além da quantidade das crianças, a escolha e a preparação dos espaços para o desenvolvimento das atividades, deu-se de forma cuidadosa, pois, acredito que o ensino das Artes possui uma forte relação com o espaço. “[...] o espaço convida à ação, e antes da ação, a imaginação trabalha” (BACHELARD, 1993, p. 31). Dessa forma, organizei vários espaços que partiram da horta e dos materiais colhidos dela, como: a argila, a terra, as folhas e o alimento, favorecendo assim, a imaginação e a criação.

É importante mencionar aqui, que as aulas de desenho e pintura aconteceram em espaço específico. O espaço foi o antigo paiol da roça, local no qual armazenavam-se os alimentos que seriam consumidos durante o ano, geralmente o milho e o feijão. Esse espaço, foi redefinido pelo meu irmão mais velho, como sua moradia. Permaneceu morando nesse ambiente por mais de dez anos e nele criava suas telas e esculturas. Em suas esculturas ele utiliza muitos crânios de animais, o que deixou uma das meninas muito intrigada, ela pediu para tocar, perguntou de que animal era, fotografou e falou assim: Que estranho, tantas caveiras juntas ser bonito.

Atualmente meu irmão mora na sede da chácara e o paiol tornou-se um ateliê coletivo. O espaço é arejado, possui uma mesa grande com diversos materiais para criar, como: aquarela, tinta a óleo, tinta acrílica, lápis de cor, papéis diversos, tecidos, linhas, ferramentas e outros materiais que ficaram organizados de forma que cada criança pudesse os utilizar individual ou coletivamente.

[...] utilização de diferentes suportes e materialidades expressivos potencializa o caminho que conduz a tal releitura do vivido; caminhos que, pelo convite à imaginação criadora, acolhem sentido e significados, como que sinalizando indícios da história que cada um fez e das histórias que fizeram a cada um nas suas trajetórias existenciais, intensificando a compreensão da sensibilidade (OSTETTO; KOLB-BERNARDES, 2015, p. 271).

Para a artista Stela Barbieri (2021) o estado de ateliê é participar de um diálogo com as presenças das materialidades, no qual tanto as pessoas quanto os materiais e espaços são sujeitos da experiência. O estado da arte é um modo de nos convocar a lidar com nossas próprias ideias e com o que nos afeta. O ateliê em arte como espaços habitados por aquilo que acreditamos e que revelam marcas da nossa vida, criando um elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Nesse espaço a duração de certas investigações não cabe dentro do tempo do relógio.

Como a horta pode torna-se desenho? Leonardo da Vinci (*apud* CHAUÍ, 2023), dizia que o olho abraça a beleza do mundo inteiro e é janela do corpo humano, por onde a alma especula o mundo. O olhar acaricia as coisas e, desse jeito, cada pessoa acontece no mundo de maneira única. Cada olhar é único e também uma parcela de identificação no mundo. Através do olhar de cada uma, as crianças construíram sua forma de expressar através do desenho.

Para Derdyk (2018), o desenho é sempre o ponto de partida e o campo de chegada de suas produções, é a matriz e energia motriz de seu traçado. Afirma que tem uma relação quase biológica com o ato de desenhar. Encontra prazer na ação de ir e vir preenchendo superfícies, da folha, do tecido, do espaço. Sua obra provoca uma reflexão sobre como entendemos a espacialidade e como o desenho extrapola o papel, virando costura, que rasga, suspende e reestrutura o espaço.

Os desenhos foram realizados a partir da observação das colheitas feitas nesse dia durante a caminhada. Além do lápis, usaram terra, açafreão e urucum. Amassamos o urucum em um pilão, acrescentamos um pouquinho de água e cola. E elas foram criando tons entre o vermelho e um laranja bem claro, exploraram as tonalidades e usaram para fazer os volumes e sombreamentos nos desenhos. Elas ficaram concentradas aos detalhes, se envolveram no processo e ficaram imersas por horas naquela proposta. Às vezes, surgia alguma observação ou pergunta: “Como eu faço a sombra na da curva da folha? Como desenhar o espinho que está por trás do caule? Olha, o lápis inclinado faz um contorno bonito e quando seguro na pontinha dele o traço fica curto”.

Imagem 63 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 64 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 65 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Durante os quatro dias, as crianças transitavam com liberdade pelos espaços. Fomos até a horta e colhemos algumas ervas medicinais, fotografamos e com uma parte preparamos um chá. Durante o tempo que estávamos tomando o chá, li algumas cartas do baralho *Carta Autobiográfica da Horta*. Além de chá, elas fizeram aquarelas observando a planta detalhadamente. Algumas das plantas foram selecionadas e tornaram-se as capas das cartas. Fiquei surpresa do quanto elas gostaram de trabalhar com a aquarela, tanto que levaram o

material de fazer aquarela para casa e, no dia seguinte, cada uma trouxe uma pintura feita a partir da observação de uma planta.

“Eu não sabia que eu sabia desenhar, descobri isso desenhando”. Essa foi a fala de uma das meninas ao olhar para o seu desenho de observação. Ela escolheu a aquarela e estava muito apaixonada com a pintura que fez da flor de hibisco. Suas colegas admiradas com o resultado, perguntavam como ela tinha conseguido fazer aquilo. Daquele momento em diante, sempre que iam fazer alguma coisa dialogavam entre si. Ali, pude compreender que a liberdade é fundamental para a construção de conhecimento, o desenho promoveu a interação social e o trabalho em equipe entre as crianças. Durante a imersão, compartilhavam ideias, colaboravam umas com as outras, negociavam e resolviam conflitos de forma construtiva. O desenho serviu como expressão, além de conexão de umas com as outras de uma maneira criativa.

Como o ato de caminhar está relacionado ao desenho e à escrita? Durante minhas caminhadas às margens do Rio do Peixe, fui fotografando os passarinhos que encontrava pelo caminho. Não foi uma tarefa muito fácil, pois eles eram ligeiros. Optei por fotografar com os meus olhos e como vários deles eu conheço pelo nome, chegava em casa e pesquisava na internet sobre cada um. Vários pássaros que eu encontrei pela caminhada, também habitam a horta e o seu entorno. Dessas observações dos pássaros comecei a esboçar um desenho em uma tela. Esse esboço ficou guardado até a vinda das meninas para o ateliê. Sugeri a elas fazermos uma caminhada silenciosa, fotografarmos as flores, os pássaros, as borboletas, os bichinhos menores e investigarmos as plantas do quintal. Desacelerar o olhar; observar de um modo mais minucioso pequenos acontecimentos que se passam dentro do espaço verde. Uma convocação para o corpo experimentar o espaço. O silenciar da fala como estimulante para uma percepção mais ampliada. Colocar o corpo para experienciar com liberdade os sentidos.

Como encaminhar o olhar para o mundo de um modo mais minucioso e manusear o cotidiano como uma potência criativa? Em passos lentos e silenciosos, elas caminharam por mais ou menos trinta minutos, os seus olhares estavam atentos às miudezas. Em alguns momentos quase ajoelhavam para fotografar as flores azuis, violetas, amarelas, laranjas e vermelhas bem pequeninas, em outros momentos, esticavam o braço para alcançar o umbigo da bananeira, ou, esticavam os passos para captar as borboletas que voavam de planta em planta.

De volta ao ateliê, fizemos uma roda, compartilhamos as fotografias e a experiência de caminhar em silêncio, cada uma foi colando o que percebeu e sentiu: “Quem diz que planta não se movimenta nunca viu um pé de pepino se rastejando e as formas que ele deixa no chão”. O desenho é um terreno fértil para a imaginação florescer. Depois, sugeri a elas que continuassem aquele esboço da tela de forma livre a partir das colheitas da caminhada. O convite estava feito: criar e explorar um mundo próprio, onde não há limites para a imaginação. Essa liberdade criativa foi essencial para que elas experimentassem, inovassem e descobrissem novas possibilidades. Depois do esboço pronto, elas partiram para acrílica. Nesse momento, elas já estavam mais conectadas umas com as outras e com o processo da pintura. À medida que as suas criações ganhavam forma, elas se sentiam realizadas e com orgulho de seu trabalho, percebiam que eram capazes de criar algo único e significativo.

Imagem 66 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 67 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Enquanto eu observava as meninas desenhando, refletia no que Paulo Freire (2020) discorre sobre a prática do ensinar e o que é preciso levar em consideração nesse processo como um aprendizado ao professor. O ensinar está intrinsicamente ligado ao aprendizado do professor. Ensinar, portanto, é aprender, quem ensina deve ter a mesma postura do aprendiz, desejo, motivação, interesse, curiosidade. Se queremos uma educação que produza saberes essenciais para vida, é necessário repensar como se ensina. Uma pedagogia que o educador se coloca em uma relação dialógica e harmoniosa com o educando, na qual o aprender acontece entre ambos.

A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte é uma forma diferente de fazer ciência? A horta é uma maneira de ser, de pesquisar na interlocução com o outro, onde suas raízes compõem e tecem o conhecimento? Como a criação das meninas no ateliê anuncia o conhecimento produzido com e a partir das mãos, dos gestos, do corpo inteiro? Reconheço que o meu papel como educadora é sempre criativo, pois reinventa-se na relação que estabelecemos com o outro e nas demandas que surgem a partir da curiosidade com o mundo. Na imersão de arte na horta, quando me autorizo a criar junto com a criança, transformamos esta criação em uma pesquisa vocalizada a várias vozes e escrita a várias mãos, cujo resultado pode culminar em uma escrita criativa. Essas experiências situam-se na artografia:

Na artografia, saber, fazer e realizar, fundem-se criando uma linguagem mestiça e híbrida que, na maioria das propostas, tem como propósito entender como se poderá dialogar, por meio da investigação, entre o fazer artístico, a compreensão do que se fez, e a produção da profissionalidade do docente (artista), numa área de conhecimento tão peculiar. É neste diálogo que se desenvolvem e interagem, numa só pessoa, os três papéis distintos: o do artista, o do investigador e o do professor de arte/educador. Colocados num plano horizontal, a investigação artográfica será tanto mais equilibrada, quanto mais equitativamente distribuído for o desempenho desses papéis (CHARRÊU, 2019, p.97, 98).

Portanto, artografar é calibrar o ser artista, pesquisadora e professora. É encontrar-se nas dobras das nossas múltiplas vivências e experiências. E o que a artografia tem a ver com o processo de ensino-aprendizagem em arte? A artografia como experiência de vida, como a existência do sujeito da experiência que está aberto a sua própria transformação é também um projeto de pesquisa-formação. Josso (1998) dizia que todo conhecimento é auto-conhecimento; toda formação é auto-formação. Assim, artografar é uma experiência que exige atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição. Caminhar para si mesmo, caminhar ao encontro do outro, caminhar com o outro, caminhar considerando

o entorno. Por que a horta como ateliê também é uma forma de escuta. Portanto, Artografar é um processo autobiográfico.

Escutar é acolher o outro na sua presença física e mental, oferecer-lhe hospitalidade respeitando-o, sem esquecer a vigilância consigo mesmo, procurando compreender melhor os próprios limites, falhas e forças. A relação de escuta exige que procuremos juntos o limiar viável de passar de um para o outro e do outro para um. Escutar é ouvir e permitir que o outro se ouça, seja dono de suas palavras. É também concordar em dedicar o seu tempo aos outros sem depender dos resultados da sua investigação, é realmente ousar reencontrar os outros e, ao fazê-lo, reconhecer a si mesmo (MOMBERGER, 2023).

A experiência com a horta possibilitou trabalhar com a arte na inter-relação com assuntos diversos, em espaços variados de saberes que extrapolam a sala de aula, afirmando a importância dos saberes adquiridos no processo de feitura da horta sobre cuidado, autocohecimento, responsabilidades e limites de cada participante, bem como, o respeito pela natureza, a relação do homem com outros seres vivos e a vida sustentável puderam se juntar aos variados conhecimentos trabalhados na imersão de arte. Como cada uma incorporou essa experiência, desdobra-se no inventário poético da horta.

Imagem 68 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

3.1 Inventário Poético da Horta

O *Inventário Poético da Horta* acontece a partir da minha revisitação ao material criado pelas meninas na imersão em arte *A Horta como Ateliê Autobiográfico*. Este inventário poético é composto por cinco imagens de diferentes técnicas: aquarela, argila, desenho e acrílica. As imagens são prenes de narrativas, tempos e espaços, gestos mínimos, invisibilidades, vozes, miudezas e silêncios. O exercício de inventariar entre as imagens e os afetos que se nutrem e proliferam reflexões sobre os processos de criação em arte com a horta. O inventário funciona como a fotossíntese das vozes e dos gestos das crianças em um campo sensível, em um estado de atenção e de escuta às palavras e aos mundos que nelas habitam, afetam-se e transformam-se, fazendo reluzir e reexistir o encontro entre a feitura, a escrita e a vida.

Quando me refiro à palavra inventário, dialogo com a perspectiva que ultrapassa os limites do dicionário, entrando também na esfera da poesia, ou seja, para além da função que se insere no mundo das coisas práticas e burocráticas, como: da aceção jurídica “descrição detalhada do patrimônio de pessoa falecida, para que se possa proceder à partilha dos bens” ou “documento em que estão enumerados e descritos esses bens”. Contudo, a palavra inventário guarda outras possibilidades de sentido, em virtude às suas afinidades com as palavras invento e invenção. O que leva o inventário também a significar uma coleção de inventos/invenções, que, nesse caso em específico, seria uma coleção de imagens feitas a partir da produção das crianças no ateliê. Assim como a imaginação, a memória entra nesse jogo de inventariar, como um quebra-cabeça em que vamos encontrando e (des)encaixando as peças no percurso investigativo. Como num exercício de colagem, feito com os elementos do que somos, vivemos e sentimos, investigamos, indagamos e aprendemos, imaginamos, afirmamos e lembramos.

Construir um inventário poético a partir das descobertas, dos achados, dos guardados, dos registros, das imagens que se revelam no caminho a percorrer. Um inventariar que não se faz em linha reta, mas em constante vaivém da experiência sensível, da relação com o material e o fazer. Como descobrir nos gestos um caminho para si mesmo? Inventariar é registrar o ser em reflexões e versões provisórias de si, do outro e do mundo. Como fazer um inventário poético sobre narrativas plásticas feitas pelas crianças? Como me vejo através dessas imagens? Como essas imagens podem ser mediadas pela linguagem? Essas imagens que aguçam os meus sentidos são as imagens que se movimentam, o que me

emociona. Quando elas se movimentam, elas igualmente se transformam. Quais são as paisagens externas e internas de quem narra?

As imagens das meninas me fizeram sentir de outra forma meu mundo. Elas me levaram a passear entre as materialidades e imaterialidades que me constituem, misturando memórias, imagens, sensações, percepções, existências que me pedem atenção e proliferam em intensidade, cores e aromas. Entrar na imagem da folha de argila construída por uma das meninas me trouxe a memória da minha infância, quando eu construía meus brinquedos e mundos em miniaturas. Das bonecas feitas de barro, espigas de milho ou penas de galinha, das vaquinhas talhadas com os maxixes, das folhas de piteiras com as quais escorregava no morro gramado. Ou, de quando subia em árvores com galhos grossos, como as mangueiras e, saboreava os seus frutos com sal assim que começavam a amadurecer nos prenúncios de verão. Da emoção singular em colher uma jabuticaba no pé e chupá-la ali mesmo. Vendo aquela folha pensei: as plantas rezam em silêncio uma reza de minha infância.

Aquela folha de argila me levou ao encontro da minha mãe, do aprendizado de fazer vasouras com guanxumas para limpar o forno de assar quitanda. Com as guanxumas e suas delicadas folhas e flores varriamos o quintal. As pétalas da maria-sem-vergonha e da flor do lampião me fizeram saber do meu gosto pela pintura e de como a natureza me ensinou sobre composição, bem como ao meu primeiro vaso de flor, uma perpétua plantada no quintal, debaixo da sombra de uma mangueira.

Enquanto a criança moldava, com o graveto, reforçava as nervuras impressas da folha natural, molhava a pena e varria delicadamente a superfície. Depois compunha com as pétalas e ramos as cores de sua criação. Perguntava-se: como será esta folha após secar? Todos os dias ela observava a argila secando ao ar, um processo lento em que as cores se modificavam e revelavam a fragilidade e efemeridade daquela escultura. As plantas, nesse caso, as pétalas das flores, nos conectam com formas de vida que tecem em nós outras compreensões sobre nossa humanidade. O quanto é possível compor a arte com o mundo ao nosso redor?

Imagem 69 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 70 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Engendrar um buquê das colheitas das plantas do quintal foi uma outra maneira de desenhar ou esculpir uma imagem, compor com as cores, texturas, formatos e cheiros das folhagens e flores medicinais: laranja, urucum, carqueja, babosa, capim limão, erva cidreira, alecrim, manjeriço, saião, espada de lansã, hibisco, rosa branca, buganvília e juliana. Essas plantas, além de serem bonitas, trazem suas histórias de cura nas folhas e nas flores. Dessa forma, cavou-se espaço para contarmos histórias, compartilharmos receitas de chás e memórias afetivas. Ao fechar os olhos e sentir o aroma do capim cidreira uma das meninas falou:

Minha mãe conta que quando era pequena sofria de insônia, ela era serena por fora, mas os pensamentos a mil. Da inquietude que se passava noite adentro, tinha noite que não resistia e acordava minha avó dizendo:
- Mamãe, não consigo dormir!

Minha avó, com toda paciência e sabedoria, levantava, ia até o terreiro onde tinha seu cantinho de chás, próximo da porta da cozinha, para facilitar o acesso em casos de necessidade como este. Com o raminho na mão, lavava folha por folha e fazia a infusão. Com a caneca de chá quente nas mãos, mandava cheirar profundamente e depois tomar. Era o chá de capim cidreira. Na sua memória de criança esse chá traz doces lembranças de calma e aconchego. Minha avó acariciava a cabeça de minha mãe e dizia:

- Dorme com Deus minha filha.
E logo, o sono tranquilo vinha chegando.

Após o relato dela, coloquei algumas questões: Você já preparou chá de capim cidreira? Sabia que existe um conhecimento envolto desde a colheita até o preparo do chá? Qual o melhor horário para colher o capim cidreira? Qual parte da planta é usada para fazer o chá? Ela respondeu que não sabia que existia um melhor horário para a colheita e que ela fazia assim: “Eu coloco a planta e um pouco de água numa vasilha, deixo ferver a água e descansar uns 5 minutos e está pronto para tomar”.

Essa conversa me fez lembrar do livro *Jardim do seu Neca: inventário botânico afetivo* da artista Ana Rocha (2014). Essa obra é uma espécie de herbário das plantas cultivadas por seu Neca, amante da jardinagem, enxerta o seu agudo estudo com os conhecimentos que lhe foram transmitidos pela sabedoria popular. O livro possui desenhos de observação das plantas feito pela artista e o texto são as descrições singelas colhidas, aqui e ali, ao longo da fala solta de seu Neca. Relacionei o livro com o baralho *Carta Autobiográfica da Horta* e pensei que ele é uma espécie de inventário botânico afetivo.

Conversa vai conversa vem, o arranjo de plantas medicinais estava pronto. Sugeri fazer um desenho de observação levando em consideração a proporção, a forma, a textura, a iluminação, a profundidade, a perspectiva e todos os elementos para que o desenho ficasse o mais próximo da realidade possível. Pedi que tivessem atenção aos mínimos detalhes e, embora o desenho fosse realista, era interessante abrir a imaginação. “[...] colher a miudeza de cada instante, como se colhe o arroz nos campos, e, depois, fazer com ela um banquete” (CARRASCOZA, 2024). Esta poesia fala de encontros de tempos e memórias, o que me auxilia na tessitura deste inventário. No quintal das avós e seus canteiros de cebolinha, salsa e manjerição, reelaboro o lugar de habitar e ser habitado pelo outro. O outro e seus modos de me olhar. Consequentemente, um inventariante é um investigador que olha com vagar e demora. Mergulha na experiência, aquela que não se repete.

Cada uma, sentou-se no local de sua escolha e iniciou o esboço de forma bem suave, pois eu, propositalmente, não disponibilizei borracha, justamente para as alunas não ficarem presas ao condicionamento do “erro”. Depois do esboço, elas começaram a usar a aquarela. É importante ressaltar que todo o material utilizado foi de nível profissional, como: a aquarela, o papel de algodão e o pincel macio, o que possibilitou uma melhor aderência de cada pigmento. Como já mencionei anteriormente, nenhuma delas havia usado aquarela antes, mas a palavra aquarela habitava o imaginário de todas nós através da canção de Toquinho (1983). E uma menina começou a cantarolar: “Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo [...]”. Enquanto eu ouvia essa música na voz da criança, mais uma vez, retornei ao quintal de minha primeira infância, às brincadeiras, à paisagem que rodeava minha casa, com chão de terra, árvores e rio.

As crianças têm muito a ensinar, basta adulto querer aprender. Esse foi o pensamento que me veio ao observar o momento criativo delas se deliciando com a aquarela. A conversa entre elas: “Como eu faço para pintar os espinhos do urucum? Esse verde está parecido com o da babosa? O que você vai pintar no plano de fundo do papel? Eu vou fazer um arco-íris”. Nesse dia, interfeirei na pintura de uma delas, sugerindo fazer o plano de fundo na cor vermelha. Fiquei por horas matutando o porquê tinha feito aquilo no momento tão dela, no seu momento de criar e imaginar. Na roda de fechamento dos encontros, trocávamos nossas impressões e falávamos uma palavra que sintetizasse a experiência daquele encontro. E a menina do plano de fundo vermelho disse: “Escutar a si próprio, só assim saberei o que quero e saberei disser não”. E eu completei: “Permitir que as crianças tenham suas próprias descobertas”.

O que aprendo enquanto ensino? Nesse dia, depois do ateliê, tive dúvida se efetivamente minha prática docente dialogava com o que Torre (2005, p. 67) diz sobre o educar no sentir-pensar é educar em valores sociais, em convicções, em atitudes crítico-construtivas do espírito criativo. É se educar e educar o outro na justiça, na solidariedade, na ética e na integridade. É educar para a escuta dos sentimentos e a abertura do coração. Essa perspectiva permite não recalcar ou negar a experiência do coração, da comunhão, do sagrado, mesmo em uma investigação que se quer científica. Eu estimulo os alunos ao diálogo, a encontrar soluções junto com os colegas? Oportunizo a arte da imaginação criadora, da curiosidade e do desejo de ensinar e aprender?

“Toda a relação com o saber é também relação consigo próprio, [...] está em jogo [aí] a construção de si mesmo e seu eco reflexivo, a imagem de si [...]”, afirma Charlot (2000, p. 72). Desloco-me da posição que me foi historicamente concedida na intenção de discutir a hierarquia de saberes e inteligências? Olho para o processo de aprendizagem como um caminho no qual cada ser humano é intelectualmente igual em capacidades? A inteligência é, antes de mais nada, atenção e busca e se desenvolve de acordo com as circunstâncias exigidas e, sobretudo, com as necessidades do indivíduo. Qual é a minha necessidade enquanto indivíduo? Qual é a necessidade dos meus alunos enquanto indivíduos?

Delory-Momberger (2006, p. 369), afirma que, apresentando-se por meio do relato, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo, explicitando as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica. Sendo intérprete do seu mundo histórico e socialmente construído, figura e formata imagens, representações e valores. O sujeito produz categorizações que lhe permitem apropriar-se e coletivizar-se no mundo e nele definir o seu lugar.

Percebo-me em um campo de investigação que não busca uma resposta, mas busca um processo, um caminho a ser colocado. Um caminho que se constrói caminhando e que está voltado para as questões que podem surgir no momento, reconhecendo que o agora é tão potente e pode transformar a busca pelas respostas em novas perguntas. Delory-Momberger (2006, p. 363), traz a narrativa como lugar em que o indivíduo toma forma, onde ele elabora e experencia a história da sua vida. Complemento que, não há leitura da objetividade que não seja ou não tenha sido compartilhada; o sujeito sempre interpreta culturalmente e, a partir daí, constitui-se como identidade. Sua identidade será como ele se espacializa, como se temporaliza e constrói as suas narrativas.

Dialogando com Freire (2011), acredito que não existe imparcialidade, pois, somos orientados por bases ideológicas. A questão é se essa base ideológica é inclusiva ou excludente. Em tempos em que se fala de doutrinação ideológica, faz-se necessário e urgente fortalecer ainda mais os processos formativos para romper a verticalidade da educação. A consciência de si é um importante passo para que os atores educacionais não se sintam obrigados a representar do baixo das suas coxias, mas sim, deixar que desejos e sentimentos sejam parte da cena, metaforizada no processo de aprender e ensinar.

Enquanto elas estavam imersas no processo do desenho de observação e da aquarela, perguntavam-se: “Esse ramo de alecrim está de frente, de lado ou em outra posição? Tem uma parte mais próxima que outra? Qual a distância da flor de hibisco da espada de lansã”? Eu provocava: “Tem alguma coisa que você não enxerga? Possuem a mesma altura? Quais os tamanhos dessas plantas? Qual o tamanho da distância entre elas ou da disposição delas”? Então sugeri: “Vamos dar uma nova olhada nas coisas”.

Aprendi durante minha formação em Artes Visuais que no desenho de observação a mão é uma extensão dos olhos. Hoje, acrescento que os olhos interpretam, imaginam e criam, demonstrando traços das subjetividades. Cada uma delas, tendo utilizado a mesma técnica e o mesmo objeto como referência, o buquê de plantas medicinais, teve uma expressividade única. Percebi no processo as soluções que encontraram na representação do objeto, foram diversas. Cada desenho revela o processo criativo que é particular de cada olhar, do traço de cada mão. Dessa forma, posso pensar que cada desenho/pintura abaixo é, em alguma medida, um desenho autobiográfico.

Imagem 71 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Imagem 72 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

Esta última imagem foi construída coletivamente, nela me permiti a criar junto com as crianças, numa criação vocalizada a várias vozes e mãos. O processo de feitura deu-se em variadas etapas, desde minhas caminhadas solitárias e o meu corpo atento para perceber os sons, cores, formas e voos dos pássaros. Onde eles dormem? Como eles se alimentam? Como eles namoram? Como o filhote aprende a voar? Foram algumas perguntas que me fiz nesse processo. Tentei fotografá-los, sem muito sucesso, comecei a esboçar em uma tela, alguns desses moradores do quintal, que volta e meia, visitam a horta. Com a chegada das meninas no ateliê, durante nossas caminhadas, notei que elas também se interessam pelos passarinhos, queriam saber como o João-de-Barro constrói sua casa, como se chama aquele pássaro do peito amarelo, ou, “olha aquele pássaro comendo o mamão”.

Reparei ali, um ponto comum de interesse: os pássaros. E um dia, depois dessas caminhadas, estiquei o esboço de mais ou menos 150x90cm na mesa, mostrei para elas e perguntei o que acham de darem continuidade a esse processo. A proposta foi aceita e elas discutiram porque não trazer as plantas e as flores e os outros serezinhos do quintal. E assim, elas foram construindo coletivamente. Dessa vez, utilizaram a acrílica, que tinha um outro

tempo de secagem, uma outra forma de manuseio, e precisavam compreender melhor o material para conseguirem se expressar com o mesmo. Isso levou um tempo, inicialmente, ficaram comparando com a aquarela, tiveram uma resistência à nova técnica. Até terem mais intimidade com o material e começarem a se soltar, devagarinho surgiu uma flor de hibisco, uma bromélia, uma borboleta, uma margarida, uma coruja, um bem-te-vi, um beija-flor.

Naquele cenário, os meus olhos ouviram o canto dos pássaros. Lá estava ele, todo vestido de preto, mirando aquela paisagem. Algumas credices populares o comparam com um agouro, um sinal de morte. Já eu, compartilho com Tom Jobim minha paixão pelo Urubu, essa ave que atravessa as fronteiras do desconhecido, seu poder está no silêncio, na morte necessária para que haja vida. Seus pés achatados dão um charme ao seu jeito de caminhar, dando pulinhos. Eles planam no ar sem esforço, voam nas alturas.

Aquele urubu devolveu-me a lembrança da minha alegria ao ouvir pela primeira vez o compositor Tom Jobim (2024), só mais tarde vendo *A Casa do Tom* ouvindo ele recitar o seu poema *Chapadão* foi que compreendi seu amor pelos pássaros, sua escuta e sintonia com a natureza. Hoje, compreendo o motivo pelo qual sua arte me tocou profundamente. Naquela ocasião, em que ouvi sua música, tinha uns doze anos, foi tão forte a minha reação que saltitava pelo terreiro como se tivesse descoberto o mundo, repetia para mim “Papagaio discute com jandaia | Se o homem foi feito pra voar”. Como uma frase tão simples é tão potente. Como ela reverbera ainda hoje em mim, elucidando reflexões sobre a capacidade do humano de sonhar, imaginar e criar. Como não lembrar da história *Menina Passarim Que Sou*, com a qual inicio a escrita desta dissertação e assim como adentrei a docência.

Dessa maneira, considero o *Inventário Poético da Horta* como uma tentativa de escutar o voo de cada menina no processo de imersão em arte na horta. Perceber como elas incorporaram essa experiência, como a curiosidade moveu o processo de criação, como fazer arte com o mundo ao nosso redor. Compreender a vivência da horta como um ateliê em arte, um lugar entre a arte, a educação e as histórias de vida – um ateliê autobiográfico.

Imagem 73 - Imersão A Horta como Ateliê de Arte com crianças.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

4 ATÉ AQUI CHEGUEI

Para fazer pesquisa, não existe um modelo, é preciso tatear, cavar, abrir buracos, fechar portas, abrir outras. É preciso paciência, espera, diálogo com o outro e consigo mesmo para se construir um caminho que nos seja próprio (KOLB, 2011, p. 217). Em dado momento, a horta já havia se transformado em ateliê, ou melhor, a ideia de ateliê tinha se expandido. Se pensarmos no modo de produção da arte, na contemporaneidade, e como a horta forçou um alargamento do que entendemos como linguagens artísticas tradicionais, perceberemos o quanto isso afetou, também, geograficamente o espaço do fazer artístico e, com isso, há a necessidade de se ampliar o local que acolhe a feitura do que seja a produção artística contemporânea. Conforme Silva, o ateliê:

[...] se caracteriza, então, como fluxo e, para além de suas dimensões espaciais adquire, também, aspectos temporais. Muito mais do que entre, ou sem paredes, o ateliê contemporâneo se caracteriza pelo fluxo de tempo e de pessoas, trânsito e a troca com o outro. Se a contemporaneidade discute o ser exclusivo e induz a pensar um ser múltiplo e provisório, provisoriamente e processo, são instâncias a serem valorizadas, tornando-se evidentes (SILVA, 2024, p. 72).

Ao escrever e refletir sobre minhas experiências como professora de arte, burilo minhas memórias com a terra, com o quintal da infância e, ao registrá-la em palavras, a fiz revirando o baú da minha interioridade, descrito por Rosa (2014). Escrever não deixa de ser um processo que ajuda também a remendar a nossa alma. O meu lavrar de cacos acontece na caminhada de um percurso investigativo que somente é possível porque está aberto à experiência do outro e de mim mesma com a natureza, a quem reverencio como a mãe fundamental para a formação do meu olhar e da minha leitura do mundo. Na vastidão deste mundo, descobri o prazer das pequenas descobertas.

Dessa maneira, *A Horta como Ateliê Autobiográfico em Arte*, pode ser compreendida como uma poética da resistência que nos possibilita criar um mundo interligado onde o resistir é um gesto de autoamor. Um gesto contínuo na jornada da existência de todas as espécies do planeta. Resistir é a proposição do encontro, do movimento, da fluidez para engendrar a vida transitada por tudo e todos. Resistir é se juntar num movimento de sobrevivência comum, rompendo fronteiras impostas, repelindo amarras buscando restabelecer o que foi perdido: o senso de vida em comunidade. A arte tem uma forte ligação com a vida. Com o dia a dia.

Na conexão entre o feminino e a terra, a poética é construída, em memória, linhagem, natureza: as narrativas visuais, criadas sobre o mundo a partir do mundo em que cada um se situa, trazem a memória como produção do saber sobre si, em sintonia com a arte e a vida. É também desta conexão que a horta como ateliê autobiográfico surge no percurso de criação: do desejo de criar janelas e passagens, como saídas através do contato com a terra, com uma arte que nos vincule àquilo que dá sentido à nossa existência. A horta é, deste modo, material propositivo em arte que também permite pensar/falar do cuidar de si e do outro, na docência e no processo de formação.

De acordo com KOLB (2011), a pesquisa não tem fim e fazer pesquisa é mover-se dentro de um tempo limitado em busca de uma forma, de uma escrita em si para si. O verdadeiro desafio da pesquisa é “[...] produzir sua obra no duplo sentido de produzir uma obra que seja sua e de se produzir na obra” (DELORY-MONBERGER, 2005, p. 17). Trata-se de uma rede tecida entre arte, educação e natureza, que se pretende inconclusa na medida em que segue o tempo da continuidade, dos processos de invenção que serão desenrolados em pesquisas posteriores.

Imagem 74 - Vovó Terezinha na Horta, pintura, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal de Aline Lages.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem Azevedo. **A complicada arte de ver**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em 21 dez. de 2021.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Esquecer para lembrar: Boitempo III**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1979.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: Leitura no Subsolo**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BARRETO, Jorgge Menna. **Restauo**. Disponível em: <https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/restauo/>. Acesso em: 11 jan 2024.
- BARRETO, Jorgge Menna. **Sopa da Biodiversidade**. Disponível em: <https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/sopa-da-biodiversidade-soup-of-biodiversity/>. Acesso em: 11 jan 2024.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo** [recurso eletrônico]; 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BATONE. Rosa dos Ventres. Marília: Selo 1212, 2007. Virtual (4:42). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rhR_Qn0U98c. Acesso em 21 dez. de 2021.
- BORIAN, Clarice. **Oráculo das Árvores**. Estação das Letras e Cores. 1ª edição. 2020.
- CACIQUE SIOUX. **A mandala: código secreto da natureza**. Disponível em: <https://yoga.ced.ufsc.br/a-mandala-um-guia-tao-velho-como-o-mundo/>. Acesso em: 22 jun 2024.
- CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NoVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 31-64.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013a.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gil, 2013b.
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Caderno de um ausente**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

CERES, Marice. **Partida do Vô**. Belo Horizonte. 2011.

CERUTI, Mauro. Cultura scuola persona. In: **Infanzia**: cultura, educazione, scuola, 1, 2007, Reggio Emilia. Conference, Reggio Emilia, 11-13 out., 2007.

COSTA, Camila. **Ponto das Caboclas**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/camila-costa/ponto-das-caboclas/>. Acesso em: 22 jun 2024.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Uma questão de escuta, de encontro e de um nó de alteridade**. Bahia: Salvador, 2023.

DERDYK, Edith e ALVAREZ, Ruth (org.). **Edith Derdyk: de 1997 a 2017**. São Paulo: Edições A, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2012.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau, 1978**. In: LINHARES, Célia. *Compartilhando o mundo com Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 63^a Edição – Rio de Janeiro/São Paulo, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

JOSSO, Marie Christine. **Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação**. In: Nóvoa, António; Finger Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1998.

KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Tornar visíveis práticas invisíveis de professoras de Arte**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

LAGES, Joelma. **[Carta Chá de Erva Cidreira e de Cadeira do Dentista]**. WhatsApp. 08.01. 2024. 9:30. 1 mensagem de WhatsApp.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016. 175 p. (Coleção educação: experiência e sentido).

LEMOS, Beatriz. **Supernova: Sallisa Rosa**. Museu de Arte Moderna. Rio de Janeiro. 2021.

LINKE, Inês; GANZ, Louise. **Bicicletas Ambiente: Economias de Quintal**. Disponível em: <https://vimeo.com/91546426>. Acesso em: 10 jan 2024.

LINKE, Inês; GANZ, Louise. **Cozinha Temporária: Uma Experiência de Convívio no Jardim Canadá**. Disponível em: <https://thislandyourlandtrabalhoseprojetos.blogspot.com/2013/03/normal-0-false-false-false-en-us-ja-x.html>. Acesso em: 10 jan 2024.

LISPECTOR, Clarice. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <https://www.citador.pt/frases/um-dos-gestos-mais-belos-e-generosos-do-homem-an-clarice-lispector-20960>. Acesso em: 22 jun 2024.

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARINHO, Sabrina Kelly. **[Carta Funcho]**. WhatsApp. 11. 01. 2024. 16:25. 1 mensagem de WhatsApp.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Inventário dos Achados - O olhar do professor-escavador de sentidos**. 4a. Bienal. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003.

NERUDA, Pablo. **Odes elementares**. Barcelona: Seix Barral, 1981.

NERUDA, Pablo. **O livro das perguntas**. Tradução: Ferreira Gullar. Cosac Naify. 2008.

NOLASCO, Mariana. **Plantadeira**. Disponível em: <https://genius.com/Mariana-nolasco-plantadeira-lyrics>. Acesso em: 22 jun 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições** | v. 26, n. 1 (76) | pp. 161-178 | jan /abr 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educadores na roda da dança: formação-transformação**. 2005. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

OSTETTO, Luciana. **[Carta Chá de Camomila]**. WhatsApp. 09. 01. 2024. 16:00. 1 mensagem de WhatsApp.

OSTETTO, Luciana. **Gravação Banca de Qualificação de Aline Lages**. 21 fev 2024.

PINKOLA, Clarissa. **O jardineiro que tinha fé**. Disponível em: <https://idoc.pub/queue/91073352-clarissa-pinkola-estes-o-jardineiro-que-tinha-fepdf-reljyrgyqx1>. Acesso em: 21 jun 2024.

ROCHA, ANA. **Jardim do seu Neca: inventário botânico afetivo**. Polvilho Edições. Belo Horizonte, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SILVA, Fernanda Pequeno da. Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf. Acesso em: 19 abr. 2024.

TEIXEIRA, Luzana. **[Carta Melissa]**. WhatsApp. 07. 01. 2024. 15:54. 1 mensagem de WhatsApp.

JOBIM, Tom. Chapadão. Youtube, 01 jul. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fKqdRLV2LUM>. Acesso em 07 jan. 2024.

TOQUINHO, Antônio Pecci Filho. MORAES, Vinícius de. **Aquarela**.1983.

TORRE, Saturnino De La. **Dialogando com a criatividade**. Tradução de Teresa Cristina Mendes. São Paulo: Madras, 2005.

TUDO SOBRE MINHA MÃE. Direção: Pedro Almodóvar. Produção de Pedro Almodóvar. Espanha: 1999. Prime Vídeo.

